UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

DEPARTAMENTO D CIÊNCIAS HUMANAS – DCH

CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – CAMPUS – IV – JACOBINA

SIMONE ALVES DASILVA

TAMARA MUNIZ DE SOUZA

RELATO DE EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES/LEITORES NA MICRORREGIÃO DE JACOBINA: PRÁTICAS DOCENTES E FORMAÇÃO.

JACOBINA-BA

2017

SIMONE ALVES DASILVA
TAMARA MUNIZ DE SOUZA

DE PROFESSORES/LEITORES NA MICRORREGIÃO DE JACOBINA: PRÁTICAS DOCENTES E FORMAÇÃO.

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção da graduação do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, apresentado à Universidade do Estado da Bahia – UNEB - Campus IV/Jacobina-Ba.

Orientadora: Prof.ª. M.ª Rúbia Mara de Sousa Lapa Cunha.

JACOBINA
2017

SIMONE ALVES DA SILVA

TAMARA MUNIZ DE SOUZA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção da graduação do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, apresentado à Universidade do Estado da Bahia – UNEB - Campus IV/Jacobina-Ba.

Aprovado em:_____ de_____ 2017.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof.ª M.ª Rúbia Mara de Sousa Lapa Cunha (Orientadora)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

_____

Prof.ª M.ª Luciana de Araujo Pereira

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

_____

Prof.ª M.ª Djárcia Santana

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Dedicamos este trabalho a todos que nos apoiaram e nos ajudaram nessa caminhada, em especial a nossa família pelo incentivo e dedicação, a todos os professores do curso, a nossa orientadora. E todos aqueles que contribuíram para que alcançarmos mais esse objetivo em nossas vidas.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus por ter me concedido forças para encarar todas as dificuldades que surgiram durante esse caminho. À minha família, em especial meus pais, Tamar Muniz de Souza e Obedes Brito de Souza, por compreenderem os momentos de minha ausência, vocês são o maior presente que Deus poderia ter me concedido. Aos meus irmãos, Tiago Muniz de Souza e Deniedson Muniz de Souza e minha irmã, Denise Muniz de Souza, vocês me orgulham e é o motivo de eu querer ser uma pessoa melhor a cada dia. A minha prima e amiga, Cátia Souza, pelo incentivo e ajuda. Agradeço também ao meu namorado, Deivdson Sampaio, pelo carinho e compreensão. Obrigado a todos. A todos os meus amigos que sempre estiveram presente em minha vida e aos que Deus me presenteou nesse caminho, Monique Souza e Eduarda Gomes. Vocês sempre me proporcionaram momentos de alegrias que jamais serão esquecidos, a minha amiga e parceira Simone Silva, que por acaso ou propósito divino Deus enviou em minha vida para estarmos juntas buscando alcançar nossos sonhos. Agradeço a professora Rúbia Mara, que é para mim um grande exemplo de ser humano e profissional, a todos os professores que passaram por minha trajetória acadêmica, vocês contribuíram significativamente para que esse momento acontecesse em especial a nossa orientadora professora já citada a cima, Rúbia Mara de Sousa Lapa Cunha, que se comprometeu em nos ajudar e acompanhar nessa etapa tão importante de nossas vidas, muito obrigado!

Tamara Muniz de Souza

Agradeço a Deus, que sempre me deu forças para reerguer diante das dificuldades e que no decorrer dessa jornada permitiu que conhecesse pessoas tão especiais. A minha família em especial meus país, Cleusa Ferreira e Almerentino Alves, pela confiança, carinho e incentivo durante essa trajetória, Agradeço aos colegas por tantos momentos de descontração, em especial, Dilma Souza, e Barbara Nathalia, pessoas maravilhosas, a minha colega e amiga Tamara Muniz, uma pessoa incrível que Deus colocou na minha vida. Aos professores que contribuíram para minha formação acadêmica em especial a Professora Rúbia Mara de Sousa Lapa Cunha, que se comprometeu em nos orientar durante a produção desse trabalho, enfim, a todos que de alguma maneira torceu e contribuiu para que fosse possível chegar até aqui, muito obrigado!

Simone Alves da Silva

“(...) aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem”. “(...) a leitura da palavra deve ser inserida na compreensão da transformação do mundo”.

Paulo Freire

RESUMO

O presente estudo buscou investigar as Histórias de Leituras de Professores de Escolas Rurais na Microrregião de Jacobina, cidade localizada a 300 km da Capital do Estado da Bahia, território do Piemonte da Chapada Norte. A pesquisa tem como lócus as Escolas Rurais das cidades de Várzea Nova e Ourolândia que, na época, pertenciam à cidade de Jacobina-Ba tendo como recorte temporal 1980/1990. Assim, elencamos alguns registros resultados das vivencias de ex-professoras que atuaram em escolas isoladas a partir de suas rememorações pessoais. Então, iniciamos um levantamento de escolas no que diz respeito às práticas instituídas em escolas do campo para compreender a leitura enquanto ato indispensável para a interação e inclusão social do indivíduo. Assim, as suas contribuições serão ressignificadas de acordo com o lugar ocupado e no tocante à formação do leitor/cidadão frutos da escolarização. Portanto, é importante levar em consideração que, o conhecimento adquirido no ambiente educacional, além de ser de grande valia para a formação do sujeito social tem como parâmetro suas vivências e sua participação no contexto rural. Sendo assim, é valido ressaltar que, as situações ultrapassam o espaço escolar e são decisivas para que as práticas leitoras ora manifestadas fora do contexto escolar sejam validadas .É de suma relevância o papel social nas decisões relativas a sua vida .Nessa condição , estabeleceremos através de um diálogo com os seguintes autores RIOS (2003), LAJOLO (1993),MOLINA (2011) MARTINS (1986), ANDRADE (2007), SOLÉ (2008), KRAMER (2010) na tentativa de desvendar os mistérios da Leitura no contexto social de letramento. Destacamos que o paradigma está centrado na História Oral com enfoque na temática metodológica de Histórias de Vida, numa abordagem qualitativa e foram utilizadas como instrumentos de coleta/análise dos dados, entrevistas abertas e/ou aprofundadas/depoimentos, práticas leitoras, como círculo de leitura e ateliê de contação de história. Desta forma, múltiplas foram as situações vivenciadas por nós que fomos alunas de escolas isoladas rurais e hoje pudemos perceber que as estratégias de leitura veiculavam valores e princípios morais, deixando-nos limitados a informação. E, ao mesmo tempo não conseguíamos estabelecer “pontes” entre o lido e o vivenciado na leitura demonstrando a aquisição e ou competências necessárias. Enfim, questionamos todas as práticas construídas no exercício da formação do professor de primeiras letras por acreditarmos na importância de algumas estratégias orais que foram postas no exercício da docência, reafirmando o papel e autonomia do docente. Concluímos então que, todas as formas de se lecionar foram validadas e garantidas na formação inicial na

Escola de magistério, pois a construção de um esquema de aula proporcionava aos sujeitos uma preocupação em “planejar” suas atividades de leitura.

Palavras-chave: Educação Rural. Leituras. Escolas Isoladas.

ABSTRACT

The present study aimed to investigate the Readings Stories of Teachers of Rural Schools in the Microregion of Jacobina, city located 300 km from the Capital of the State of Bahia, Piemonte territory of the North Chapada. The research has as a locus the Rural Schools of the cities of Várzea Nova and Ourolândia that, at the time, belonged to the city of Jacobina-Ba having as temporal cut-off 1980 / 1990. Thus, we list some records results of the experiences of ex- teachers who acted in schools from their personal recollections. Then, we began a survey of schools regarding the practices instituted in rural schools to understand reading as an indispensable act for the interaction and social inclusion of the individual. Thus, their contributions will be redefined according to the place occupied and the formation of the reader / citizen fruit of schooling. Therefore, it is important to take into account that the knowledge acquired in the educational environment, besides being of great value for the formation of the social subject, has as a parameter its experiences and its participation in the rural context. Therefore, it is worth mentioning that situations they exceed the school space and are decisive for the validation of the reader's practices outside the school context. The social role in the decisions regarding their life is of great importance. In this condition, we will establish through a dialogue with the following authors RIOS (2003), LAJOLO (1993), MOLINA (2011) MARTINS (1986), ANDRADE (2007), SOLÉ (2008), KRAMER (2010) in an attempt to unravel the mysteries of Reading in the social context of literacy. We emphasize that the paradigm is centered in Oral History with a focus on the methodological theme of Life Stories, in a qualitative approach and were used as instruments of data collection / analysis, open and / or deep interviews / testimonials, reading practices as reading circle and storytelling studio. In this way, multiple situations were experienced by us who were students of isolated rural schools and today we could see that the strategies of reading conveyed values and moral principles, leaving us limited information. And at the same time we could not establish "bridges" between the read and the experienced in reading demonstrating the acquisition and / or necessary skills. Finally, we question all the practices built in the teacher training of first letters because we believe in the importance of some oral strategies that were put into the teaching exercise, reaffirming the role and autonomy of the teacher. We conclude that all forms of teaching were validated and guaranteed in the initial formation in the School of Teaching, because the construction of a class scheme provided the subjects with a concern to "plan" their reading activities.

Keywords: Rural Education. Readings. Isolated Schools.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

BA – Bahia

PPP – Projeto Político Pedagógico

PDE – Programa Gestão da Aprendizagem Escolar

SEF – Secretaria de Educação Fundamental

MEC – Ministério da Educação

M.ª (e) – Mestra/Mestre

EPU – Editora Pedagógica e Universitária

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

TIC – Tecnologia de Informação e Comunicação.

PNE – Plano Nacional de Educação

CF – Constituição Federal

PNERA – Pesquisa Nacional de Educação na Reforma Agrária

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11
2 RETROSPECTIVA HISTÓRICAS DAS PRÁTICAS DA LEITURA NO ESPAÇO ESCOLAR: PRIMEIRAS IMPLICAÇÕES 15
2.1 Conceituações e concepções 17
2.2 Políticas de incentivo de leitura: orientações didáticas 23
2.3 Estratégias de leitura 28
3 CONTEXTO DA PEQUISA: CULTURA ESCOLAR EM QUESTÃO 32
3.1 Entorno Pedagógico: Escolas rurais, caracterização e descrição 34
3.2 Leitura na escola 40
3.3 Formações Docentes: Relação entre teoria e prática 44
4 PERCURSO METODOLÓGICO 48
4.1 Caminhos Investigados Percorridos 48
4.2 Tipo de Estudo 50
4.3 Métodos de pesquisa e técnica de coleta de dados 51
4.4 Lócus da pesquisa 52
4.5 Sujeitos da pesquisa 52
4.6 Procedimentos de análise de dados 53
4.7 Análise de dados 56
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 61
ANEXOS 63

1 INTRODUÇÃO

O cenário da leitura no âmbito do espaço escolar ainda se apresenta de forma descontextualizada uma vez que, as políticas públicas são estabelecidas, porém não são efetivadas em sua maioria. Sendo assim, podemos afirmar que as concepções de leitura nas escolas públicas estão ainda atreladas a propostas que trazem elementos para a preparação da leitura como decodificação, desconsiderando todo o processo cognitivo e de (des)construção do pensamento.

Considerando-se, portanto, a importância da leitura como ato indispensável para a interação e inclusão social do indivíduo e consequentemente possui relevante contribuição à cidadania, uma vez que, com o conhecimento adquirido por meio educacional, o sujeito terá uma participação de forma mais consciente nas decisões relativo ao futuro do meio em que ele se encontra inserido.

Assim, seja por prazer, seja para estudar ou para se informar o exercício da leitura aperfeiçoa o vocabulário e transforma o raciocínio e a interpretação. Uma ação de ampla importância para a aprendizagem do ser humano, a **leitura**, além de beneficiar o aprendizado de conteúdos específicos, melhora a escrita.

Com base nessa afirmativa, percebemos que o ato de ler é muito mais abrangente, além de uma simples decodificação de palavras. A escola possui um papel muito significativo na sociedade. Pois ela é um local destinado ao processo de ensino- aprendizagem de crianças, jovens e adultos pertencentes a diferentes classes sociais, acolhendo a todos sem nenhum tipo de distinção e promovendo a inclusão social dos mesmos por meio do ensino da leitura, escrita e da interação com os outros, formando cidadãos conscientes de suas obrigações, seus direitos e deveres para com a sociedade. Aqui, vale ressaltar que a formação de um leitor crítico se dá a partir do momento em que o educador demonstra aos alunos o prazer da leitura, isso acontece quando o professor usa de textos variados em suas aulas e que vão ao encontro com realidade do aluno.

Conforme Freire, 2008, p. 22 “A compreensão crítica da alfabetização, que envolve a compreensão igualmente crítica da leitura, demanda a compreensão crítica da biblioteca”. Desse modo, faz-se necessário que a escola proporcione aos alunos a relação com a leitura, que os instrua a ler. Diante de tal prática, a biblioteca escolar é um ambiente exato para que todos que dela participam possam usufruir de seus livros como fonte de conhecimento, formando assim, cidadãos leitores. Ensinar a ler e escrever é uma ocupação complexa, pois os professores e corpo pedagógico da escola encontrarão diversos problemas em sala de aula,

mas é eficaz e gratificante se considerarmos o envolvimento de professores e alunos para que ocorra a conquista da aprendizagem da leitura.

Por tanto, apresentamos algumas interfaces nesse trabalho no sentido de analisar as histórias de leitura de professoras da microrregião de Jacobina. Levando-se em consideração as questões norteadoras e as implicações dos sujeitos envolvidos: Tais alteridades nos provocam as seguintes questões:

a) Como essas leituras eram apresentadas aos alunos?
b) Qual a contribuição dessas professoras para a formação de leitores?
c) De que forma esses leitores se constituíam, enquanto autores sociais?

Nesta circunstância, acreditamos que a leitura parte de um processo que se dá através da interação entre os diversificados tipos de conhecimento. Por isso a leitura é um ato indispensável para a interação e inclusão social do cidadão. Pois é através da mesma que o indivíduo consegue perceber e compreender a realidade oculta do mundo em que vivemos e que muitos não percebem.

> A leitura do mundo é sempre fundamental para a importância do ato de ler, de escrever ou reescrever e transformar através de uma prática consciente. Isso equivale dizer que a realidade cotidiana do aprendiz está diretamente refletida no processo de conhecimento e interpretação das palavras e frases escritas. Com isso a leitura é uma forma de atribuição contínua de significado, os quais precisam ser desvelados pela compreensão do ser humano, pela sua subjetividade. Assim, a leitura é um dos grandes elementos da civilização humana. ((FREIRE, 2008 p. 56).

Uma vez que, ler é preciso pensar, ou seja, saber argumentar e ter sua própria opinião. Freire (2008) diz: “Quando aprendemos a ler e a escrever, o importante é aprender também a pensar certo, devemos pensar sobre a nossa vida diária, aprender a ler e escrever não é decorar, bocados ‟de palavras para depois repeti-los.”.

Por esse viés, vale frisar que é por meio da leitura que podemos conhecer inúmeros lugares, culturas, voltarem ao passado e conhecê-lo, tudo isso e muito mais sem sair de dentro de casa. É através da leitura que nos tornamos cidadãos conscientes de nossos direitos, nossas obrigações e adquirimos conhecimento suficiente para cobrar de nossos representantes políticos, um mundo mais justo e solidário.

Neste sentido, de acordo com Maria Helena Martins (1986) o ato de ler vai além da escrita. “Enfim, dizem os pesquisadores da linguagem, em crescente convicção: aprendemos a

ler lendo. Eu diria vivendo". (MARTINS, 1986, p14). É notável que tanto para Martins (1986) quanto para Freire (2008) a experiência do mundo que precede a leitura é antes de tudo viver, cada pessoa tem sua experiência de mundo e, ao ler, muitos se identificam na leitura escrita.

Partindo desse princípio da história da leitura, sentimos a necessidade de desenvolver essa pesquisa, objetivando analisar a forma como a leitura era apresentada aos alunos anos atrás e como a mesma serve como elemento atual/constitutivo das relações em nossa sociedade.

Para desvendar os mistérios da Leitura nesse contexto social de letramento, múltiplas foram às situações vivenciadas por nós enquanto alunas de escolas isoladas rurais, onde pudemos perceber que as estratégias de leitura vinculavam e deixam o sujeito com o pensamento limitado e, ao mesmo tempo não conseguiam estabelecer "pontes" entre o lido e o vivenciado através da leitura demonstrando a aquisição e ou competências necessárias.

Por outro lado, a pesquisa tem como lócus as Escolas Rurais das cidades de Várzea Nova e Ourolândia que na época pertenciam à cidade de Jacobina-Ba, tendo como recorte temporal 1980 - 1990. A metodologia adotada é a História Oral com enfoque nas temáticas Histórias de Vida numa abordagem quantitativa, tendo como fundante os estudos da História da Educação utilizando como instrumentos de coleta/análise dos dados, entrevistas abertas e/ou aprofundadas/depoimentos, práticas leitoras, como círculo de leitura e contação de história, enfim as práticas construídas no exercício de sua formação. Concluímos então que todas as formas de se lecionar foram validadas e garantidas na formação inicial na Escola de magistério.

Este trabalho se estrutura no contexto dessas preocupações e pretende contribuir para a discussão sobre as primeiras práticas de leitura, no que diz respeito à formação dos professores para a compreensão da complexidade que desenvolve.

Assim, esta pesquisa teve como objetivo geral analisar como foram construídos e constituídos/preparados os professores de primeiras letras nas escolas de formação (institutos, colégios, cursos) e como as práticas instituídas de leitura foram inseridas em suas vivencias em sala de aula. E como objetivos específicos pretendemos:

- Compreender a história das professoras da microrregião de Jacobina;
- Analisar a importância dessas leituras na vida dos alunos da comunidade;

- Abordar como a leitura é trabalhada na atualidade e sua influência nas relações sociais e papéis desenvolvidos por homens e/ou mulheres;

Para uma melhor estruturação este estudo foi organizado da seguinte forma. No primeiro capítulo, apresentamos a Introdução, e abordamos uma reflexão sobre o tema proposto, as razões da escolha do mesmo, a relevância deste estudo e o conteúdo do trabalho. Ao passo que no capítulo II discutimos sobre o tema a partir de uma Retrospectiva Histórica da Leitura no Espaço Escolar. As primeiras implicações definindo o que é leitura.

Assim, no capitulo III, tomamos como referência o Contexto da Pesquisa e selecionamos algumas orientações didáticas da época com base na teoria que fundamenta as abordagens discursivas sobre o ato formativo do professor leitor.

Então, no capitulo IV, enfatizamos todo o percurso metodológico utilizado para a realização da pesquisa, a caracterização dos sujeitos e *lócus* da pesquisa no sentido de validação da pesquisa, além da análise dos dados de resultados.

Por fim, nas considerações finais registramos e verificamos como as ideias foram organizadas e assumimos um juízo de valor no tocante a leitura enquanto processo e ato investigativo.

2 RETROSPECTIVA HISTÓRICAS DAS PRÁTICAS DA LEITURA NO ESPAÇO ESCOLAR: PRIMEIRAS IMPLICAÇÕES

Foto do arquivo pessoal da professora Eunice Rodrigues Barros

Neste capítulo, pretendemos apresentar a retrospectiva das práticas de leituras na sala de aula, como se davam tais práticas e em que eram embasadas. Sua respectiva importância para o processo de desenvolvimento do aprendizado.

Acreditamos que a Educação pode contribuir para reacender "a chama da esperança" das camadas populares, pois implica uma relação educacional que vai além-mundo do trabalho com fundos escolares, vai à busca da constituição do homem-pessoa, ao oposto do homem-coisa, do homem como um ser social danificado com as causas de seu tempo, descontente, indiscreto, fantasioso, esperançoso e essencialmente transformador.

> A educação de base era entendida como o processo educativo destinado a proporcionar a cada indivíduo os instrumentos indispensáveis ao domínio da cultura de seu tempo, em técnicas que facilitassem o acesso a essa cultura − como a leitura, a escrita, a aritmética elementar, noções de ciências, de vida social, de civismo, de higiene − e com as quais, segundo suas capacidades, cada homem pudesse desenvolver-se e procurar melhora justamento social (BEISIEGEL, 1989, p. 14).

Nesse aspecto, a leitura propicia aos indivíduos a capacidade garantir a interação significativa e funcional da criança com a língua escrita, como meio de construir os conhecimentos necessários para abordar as diferentes etapas da sua aprendizagem.

É de suma importância para VALE (1992) relembrar o final da década de 40 foi um período em que questões relacionadas à Educação de base começam a aparecer no país, pois "[...] até a Segunda Guerra Mundial, a Educação popular era concebida como a extensão da educação formal para todos, sobretudo para os habitantes das periferias urbanas e zonas rurais".

Por outro lado, (BRANDÃO, 2001, p. 35) relembra também a importância da liberdade de expressão, característica dos últimos anos do governo Kubitschek, e a efervescência política dos primeiros anos da década de 60 contribuíram para que estudantes, intelectuais, educadores e políticos se preocupassem com a promoção das massas e o processo de tomada de consciência. Este "movimento" reuniu professores e artistas. Ele não existia só nas escolas e nem era um trabalho só da educação [...] as pessoas que fazíamos MCP queriam que tudo o que é bom, e está nas palavras, nas cantigas, e nas ideias que as pessoas criam, fosse levado para a gente pobre também.

Podemos dizer, a partir de SANTOS, 2000, p. 23. (Apud: FREIRE, Paulo. 1987 P.44), que vivemos as consequências das grandes promessas feitas pela Modernidade há pelo menos 200 anos, "[...] que permanecem incumpridas ou o seu cumprimento redundou em efeitos perversos". Enfrentamos problemas que parecem não ter solução!

Assim sendo, Conforme PEREIRA (2008), a instauração da ditadura militar em 1964 e seu aprofundamento em 1968, culminado com o Ato Institucional n° 5 (AI-5), leva ao

distanciamento total da população do poder, inibindo qualquer tipo de participação popular nele. Os artigos 2º, 3º, 4º e 10° do AI-5 são particularmente muito expressivos em relação ao autoritarismo que se instalou no Brasil e ao fechamento do regime a qualquer possibilidade de participação popular. No artigo 2º lê-se que "O Presidente da República poderá decretar o recesso do Congresso Nacional, das Assembléias Legislativas e das Câmaras Municipais" (in: *Diário Oficial da União*, 13 de dezembro de 1968, apud SILVA, 1992, p. 298).

No 3º, temos que "O Presidente da República poderá decretar a intervenção nos Estados e Municípios" (Idem). No artigo 4º, apresenta-se a possibilidade de "suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos e cassar mandatos eletivos. Federais Estaduais e Municipais" (Idem, p. 299), e no 10° decreta-se que "Fica suspensa a garantia de *habeas-corpus*" (Idem).

> Matrizes vão dar origem ao movimento social na década de 70, a Igreja Católica, os remanescentes das organizações de esquerda e o novo indicalismo. [...] a prática social da militância das pastorais e comunidades e a "Educação Popular" por ela desenvolvida era paradigma do período, influenciando e acolhendo os militantes dispersos que só aí encontravam possibilidades de contato e trabalho político com setores populares. (PEREIRA, 1986, p. 31)

Podemos entender, portanto, que os anos da década de 1980 do século XX, conhecida como a "década perdida" pelas perdas econômicas dos países da América Latina, foram paradoxalmente aqueles em que no Brasil se viveu um período de enorme crescimento da organização popular e de suas experiências de participação política na sociedade.

> No campo da Educação "[...] a década de 80 se inicia com a construção de entidades destinadas a congregar educadores e de associações de caráter sindical que vão se aglutinando em âmbito nacional". As organizações dos educadores caracterizam-se pela preocupação com o significado político e social da Educação, além do aspecto econômico-corporativo. (SAVIANI, 1995, p. 52, apud: PEREIRA, 1986, p. 33).

A partir da reflexão realizada pelo autor Saviani (1995), pode-se afirmar que sob o ponto de vista da organização do campo educacional, a década de 80 é uma das mais fecundas de nossa história, pois a mobilização desses anos orientou-se pela bandeira de transformar a Educação e a escola em instrumentos de reapropriação do saber por parte dos trabalhadores; saber este que viria, mais tarde, a contribuir para uma maior participação na sociedade.

2.1 Conceituações e concepções

O termo “leitura” é a ação de ler algo. A palavra deriva do Latim "*lectura*", originalmente com o significado de "eleição, escolha, leitura". Também se designa por leitura a obra ou o texto que se lê. Neste contexto, podemos refletir sobre a definição do termo leitura, através de alguns dicionários. O dicionário Priberam define leitura como:

Lei·tu·ra

(latim tardio *lectura*, do latim *lectio, -onis*, escolha, eleição, leitura)

Substantivo feminino

1. O que se lê.

2. Arte ou, Ato de ler.

3. Conjunto de conhecimentos adquiridos com a leitura.

4. Maneira de interpretar um conjunto de informações.

5.Registro da medição feita por um instrumento.

6. Decodificação de dados a partir de determinado suporte (ex.: *aparece um erro na l eitura do disco*).[1]

Ler é um ato de conhecimento, pois, significa perceber e compreender o que se encontra explícito e implícito na enunciação discursiva e nas relações existentes no mundo, utilizando-se do contexto apresentado e também do conhecimento prévio, ou seja, o conhecimento de mundo que cada indivíduo traz consegue, antes mesmo de aprender a ler. Para o dicionário de significados leitura é:

Leitura é a ação de ler algo. É o hábito de ler. A palavra deriva do Latim "*lectura*", originalmente com o significado de "eleição, escolha, leitura". Também se designa por leitura a obra ou o texto que se lê.

A leitura é a forma como se interpreta um conjunto de informações (presentes em um livro, uma notícia de jornal, etc.) ou um determinado acontecimento. É uma interpretação pessoal.

Outra definição/conceito é que a leitura é um processo de compreensão de algum tipo de informação que fica armazenada num suporte e transmitida mediante determinados códigos, como a linguagem. Esse código pode ser visual, auditivo, táctil como o Braille, pois nem todo tipo de leitura se apoia na linguagem, como por exemplo, as partituras de música, entre outras.

[1] "leitura", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, https://www.priberam.pt/dlpo/leitura [consultado em 21-10-2017].

> A leitura é importante instrumento para a vida social e cognitiva do sujeito, o que qualifica sua inserção no âmbito social, político, econômico e cultural. O ato de ler pode ser entendido como um processo no qual a interpretação do texto vai além do que está impresso, relacionando-se com as hipóteses formuladas pelo leitor com base no seu conhecimento prévio, que o direciona para o entendimento singular de um texto. (FONTANA; ROSSETI, 2007). (Apud. KLEIMAN, Ângela, 2008. P. 13).

Neste sentido, o conhecimento antecedente pode ser usado para promover a educação contínua, com a finalidade de compreender o que está implícito nos textos, escritos ou orais, uma vez que estes não anunciam tudo o que o autor quer noticiar. O conhecimento prévio é apreendido como conhecimento linguístico, textual, sócio linguístico, pragmático e enciclopédico, entre outros eventuais tipos de conhecimento.

Segundo MOLINA (1992, p. 17), “O aprendizado da leitura começa com uma palavra e um tipo de texto de cada vez, e continua com uma palavra e um tipo de texto de cada vez, o aprendizado jamais cessa”.

Observa-se que a prática da leitura está presente na vida do ser humano a partir do momento em que passam a entender o mundo que o cercam. No invariável anseio de compreender e interpretar o sentido das coisas que os cercam, de perceber o mundo sob diversas probabilidades, de relacionar a ficção com o fato, o contato com um livro, enfim, em todos esses acontecimentos, está de certa forma lendo, embora a pessoa não se dê conta disso. Para SOLÉ (1998, p.62). Ensino da leitura deve: garantir a interação significativa e funcional da criança com a língua escrita, como meio de construir os conhecimentos necessários para abordar as diferentes etapas da sua aprendizagem.

Baseado na autora, a leitura se constitui em atividade de compreensão da linguagem escrita, que acontece através da interação entre leitor e texto. Leitura, “é um processo de interação entre o leitor e o texto”. É um momento único em que o leitor deve examinar detalhadamente o texto, identificando as ideias principais, a mensagem que o autor quer passar.

Portanto, as concepções de leitura e a formação de leitores proficientes acontecem em cada etapa escolar do aluno no âmbito ensino/aprendizagem é escrita. Um modelo interativo de leitura, começado pela decodificação das letras, depois das palavras, e, por conseguinte das frases. Atribuindo compreensão do leitor para o texto.

Além disso, Jolibert (2004) salienta que, ler não consiste em combinar letras e sílabas [...], pois [...] para ler não se trata de primeiro fotografar e memorizar formas, letras, silaba para depois combiná-las e mais tarde compreender o que se está lendo. Ler é buscar ativamente um significado de um texto em relação com suas necessidades, interesses e projetos.

Visto que o mesmo autor nos mostra que a literatura precisa ter como base a exploração de textos, ou seja, a construção de sentido a partir de questionamentos feitos pela própria criança. Gerando situações em que impulsionam a encontrar através da leitura formas de interpretação de um texto.

Isso nos leva a refletir sobre a definição de texto segundo LAROSSA (2002, p. 137) (*Apud* MICOTTI, 2009, p. 94). Para quem [...] tudo o que nos passa pode ser considerado um texto, algo que compromete nossa capacidade de escuta, algo a que temos que prestar atenção. Desta forma, reafirma a posição do sujeito no espaço e as circunstâncias da leitura.

Notamos que, se a definição de texto cada vez amplia-se, consequentemente a de leitura também, as novas estratégias de leitura vão se adequando aos leitores. No que tange a leitura, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) consideram a leitura como.

Um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto [...] uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita (BRASIL, PCN II, 2001, p. 53).

Nesse processo, a leitura é um instrumento importante na busca de sentido, propiciando ao leitor através desse contato com a leitura, diferentes formas de entender a leitura de mundo. Propiciando-lhe a busca de sentido do texto lido.

Nessa perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais Ed. 3° p. 53, nos diz ainda que: A leitura é um processo onde o leitor desempenha um trabalho de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc.

Desse modo, a leitura não se baseia unicamente sobre a escrita através da decodificação do texto, mas requer uma compreensão construindo sentidos antes mesmo de dar início a leitura. Para que o leitor consiga compreender que a decodificação será apenas um dos instrumentos estratégicos de leitura que ele utilizará durante esse processo.

O que nos leva a entender, que segundo o PCN, formar um leitor competente é formar um indivíduo que entenda o que lê, e que possa aprender a ler também o que não está

subentendido, informações que não está escrito no texto, mas que ele faça relações com as vivencias de mundo, elencando conexão com outros textos que por ele já fora lidos.

Nesse aspecto Freire (1993, p.29) pontua a leitura como uma "operação inteligente, difícil, exigente e gratificante". Por isso a leitura é considerada um "estado de arte". Por meio da leitura, o homem alcança o mundo das palavras.

> Quando começamos a organizar os conheci- mentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam - aí então estamos procedendo a leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa. Esse seria, digamos, o lado otimista e prazeroso do aprendizado da leitura. Dá-nos a impressão de o mundo estar ao nosso alcance; não só podemos compreendê-lo, conviver com ele, mas até modificá-lo à medida que incorporamos experiências de leitura (MARTINS, 1986, p. 17).

Em outras palavras Martins (1986), quando se refere à leitura, surge no pensamento um indivíduo lendo jornal, revista, folheto, por outro lado, o comum é ponderarmos somente leitura de livros. Quando se pronuncia que uma pessoa gosta de ler, quem sabe essa pessoa goste ir a biblioteca e seja consumidor de diferentes tipos de gêneros textuais, histórias em quadrinhos, tirinhas, romances.

Na experiência de compreender a questão da leitura, a autora vai dizer que ela é um conhecimento particular e que pode ser qualificada como sendo a decodificação de símbolos linguísticos, por meio dos quais o leitor interpreta sinais, e também como sendo um procedimento de concepção mais abrangente, em que o leitor dá significado a esses sinais.

> [...] ler consiste em produzir sentidos por meio de um diálogo, um diálogo que travamos com o passado enquanto experiência do outro, experiência que compartilhamos e pela qual nos inserimos em determinada comunidade de leitores. Entendida dessa forma, a leitura é uma competência individual e social, um processo de produção de sentidos que envolve quatro elementos: o leitor, o autor, o texto e o contexto. (COSSON, 2014, p. 36)

De acordo com o autor, a necessidade de convencionar esses quatro elementos como "método único e sucessivo" no processo de leitura. Contudo, faz uma censura das diversas teorias da leitura desvendando o lugar que cada uma delas ocupa no ato de ler. Em um a aparência habitual, a leitura dar início com o autor que difunde algo em um objeto (texto) que será comparado pelo leitor em determinadas ocasiões (contexto). Nessa concepção ler, é buscar o que descreve o autor, o qual é respectivamente o alvo de partida e elemento principal do ciclo da leitura.

> BRITTO (2006) vai dizer que "ler é uma ação intelectiva, através da qual os sujeitos, em função de suas experiências, conhecimentos e valores prévios, processam informação codificada em textos escritos". O autor acredita que o processo de leitura do indivíduo é dado a partir de uma "ação cultural historicamente constituída" (BRITTO, 2006, p. 84, *apud* COSSON, 2014, p. 16).

Entende-se que a leitura se caracteriza a depender do lugar e da ocasião que é desempenhada, pois, a leitura não é uma invariante histórica, ainda nas suas modalidades mais anatômicas, mas um gesto, singular ou coletivo, condicionado as formas de sociabilidade, das reproduções da sabedoria ou do lazer, das compreensões e da individualidade.

O autor acredita que o procedimento de leitura do sujeito se dá a partir de um "ato cultural historicamente constituída" Ainda de acordo com o autor, ele não espera que a leitura seja exclusivamente um acrescento de informações; ele acredita que seja um conjunto de valores determinados no seio da sociedade. Para o autor "a leitura é uma ação de posicionamento delicado do mundo".

Tendo em vista a importância do ato de ler, poeta Ricardo Azevedo em seu poema "Aula de leitura" descreve esse sentido amplo da leitura:

> A leitura é muito mais do que decifrar palavra.
> Quem quiser parar pra ver
> Pode até se surpreender:
> Vai ler nas folhas do chão,
> se é outono ou se é verão;
> nas ondas soltas do mar,
> se é hora de navegar;
> e no jeito da pessoa,
> se trabalha ou se é à toa;
> na cara do lutador,
> quando está sentindo dor;
> vai ler na casa de alguém,
> o gosto que o dono tem;
> e no pelo do cachorro,
> se é melhor gritar socorro;
> e na cinza da fumaça,
> o tamanho da desgraça;
> e no tom que sopra o vento,
> se corre o barco ou vai lento;
> e também na cor da fruta,
> e no cheiro da comida,
> e no ronco do motor,
> e nos dentes do cavalo,
> e na pele da pessoa,
> e no brilho do sorriso,
> vai ler nas nuvens do céu,
> vai ler na palma da mão,
> vai ler até nas estrelas,
> e no som do coração.
> Uma arte que dá medo,
> é a de ler um olhar, pois os olhos têm segredos,
> difíceis de decifrar.

Nesse sentido, procuramos entender como são decifradas e relembradas às situações de leitura.

2.2 Políticas de incentivo de leitura: orientações didáticas

Políticas públicas procedem, portanto, da atividade política, e abrangem mais de uma decisão política nas quais requerem várias obras estratégicas destinadas a delinear objetivos almejados. Estabelecem um conjunto pronunciado de ações, decisões e estímulo que buscam mudar a realidade em resposta a questões e interesses envolvidos, como nos esclarece Rodrigues (2010).

> ‘Políticas públicas são ações de Governo, portanto, são revestidas da autoridade soberana do poder público’. Dispõem sobre ‘o que fazer’ (ações), ‘aonde chegar’ (metas ou objetivos relacionados ao estado de coisas que se pretende alterar) e ‘como fazer’ (estratégias de ação) (RODRIGUES, 2010, p. 52-53).

Assim, a política pública, faz referência à inclusão do povo em determinações da cidade, do país. No entanto, de acordo com a história essa participação adquiriu aparências diferentes, podendo ter ocorrido de forma direta ou indireta pela representação. De todo jeito, um influente sempre foi principal no evento da política pública: o Estado.

Desse modo, o incentivo à leitura tende aperfeiçoar a categoria de Ensino nas Escolas. É essencial que essas políticas de incentivo à leitura, venham “investir em material humano, com a formação de mediadores de ler, professores e bibliotecários capazes de semear o prazer de leitura por todo o país.

Conforme nos esclarece Linardi (2008). “O incentivo à leitura visa melhorar a qualidade de Ensino nas Escolas. Mas é fundamental que essas políticas de incentivo à leitura, venham “investir em material humano, com a formação de mediadores de ler, professores e bibliotecários capazes de semear o prazer de leitura por todo o país” (LINARDI, 2008, p.8).

Nesse viés, o (PNE) Plano Nacional de Educação é a política pública mais atual e tem como objetivo a melhoria da educação. Está amparado na Constituição Federal e visa efetivar os deveres do Estado em relação à Educação. Assim, ao analisar os Artigos 208 e 214 da Constituição Federal, pode-se extrair a razão política dos Planos de Educação. Diz a lei:

> Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:
>
> I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria;

II - progressiva universalização do ensino médio gratuito;

III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV - educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade;

V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;

VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

VII - atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

Baseamos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que nos assegura dos direitos e deveres das crianças. No parágrafo único.

- Art. 4°diz que é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder publico assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referente à vida, a saúde, a alimentação, a educação, ao esporte, ao lazer, a cultura, dignidade, respeito e a convivência familiar.
- Capítulo IV. Art.53°. A criança e ao adolescente têm direito a educação, visando o pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício a cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-lhes.

I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - Direito de ser respeitado por seus educadores;

III - direito de organização e participação nas entidades estudantis;

IIII – acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.

- Art. 129 ° São medidas aplicáveis aos pais ou responsável:

I – Obrigação de matricular o filho e acompanhar sua frequência e aproveitamento escolar.

Nesse viés a Secretaria de Educação Fundamental (SEF) em acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) visa apresentar uma concepção geral das políticas de incentivo ao espaço escolar e os seus respectivos conhecimentos. Em linhas gerais:

- Explicitar a necessidade de que as crianças e os jovens deste país desenvolvam suas diferentes capacidades, enfatizando que a apropriação dos conhecimentos socialmente elaborados é base para a construção da cidadania e da sua identidade, e que todos são capazes de aprender e mostrar que a escola deve proporcionar ambientes de construção dos seus conhecimentos.
- Apontar a necessidade do desenvolvimento de trabalhos que contemplem o uso de tecnologias, para que todos os alunos e professores, possam delas se apropriar e participar, bem como criticá-las e delas usufruir.
- Valorizar os trabalhos dos docentes como produtores, articulados de práticas educativas e como mediadoras do conhecimento socialmente produzido. Destacar a importância da leitura e a diversidade existente entre os alunos e com os seus conhecimentos prévios, como fonte de aprendizagem de convívio social e como meio para aprendizagem de conteúdos específicos.

Por outro lado, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) apresenta tais leis de políticas de incentivo:

- **Art. 1°** A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações Culturais. Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias. A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

- **Art. 2°**A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

- **Art. 3°**O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I – Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II – Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III – pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;

IV – Respeito à liberdade e apreço à tolerância;

V – Coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

VI - Valorização da experiência extra escolar;

- **Art. 6°**É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula dos menores, a partir dos sete anos de idade, no ensino fundamental.

Assim, também o Programa Gestão de Aprendizagem Escolar (PDE) oferece suas leis de políticas de incentivo:

- Desenvolver atividades que se relacionam a diversidade de textos literários adequados ao leitor adolescente e relacionados às práticas sócio comunicativas do cotidiano, tendo como fundamental objetivo despertar uma relação de prazer, de curiosidade e de interesse no jovem leitor quanto à leitura de textos literários.
- É importante o professor lembrar que muitos alunos chegam à escola sem qualquer referência de leitura, e que muitos ainda passam pela escola sem construí-la.
- Para reconhecer a leitura previa dos alunos, é preciso investigar, a partir do relato da história escolar de cada um, as experiências vivenciadas com a leitura de textos literários (dentro ou fora da escola).

SOLE (2008) faz duas afirmações em relação ao incentivo de leitura:

- I - O leitor que compreende o que lê, está aprendendo, pois, a leitura nos aproxima de múltiplas culturas.
- II- Inúmeras vezes lemos com uma finalidade clara de aprender. E quando isso acontece, utilizamos uma série de estratégias de leitura.

O incentivo à leitura objetiva uma melhora na qualidade de ensino nas escolas. Entretanto é essencial que essas políticas de incentivo à leitura, abordem “investir no ser humano, com a capacitação de mediadores de leitura, professores e bibliotecários competentes para disseminar o prazer de leitura por todo o país”.

De acordo com FREIRE (2008) “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”.

Desse modo a prática de leitura começa com pequenos textos, um de cada vez, e assim continua, pois, o aprendizado nunca interrompe. Todo ser humano se comunica com o outro por meio da linguagem. Quando bebezinho, por ainda não saber falar, a criança chora, gesticula para comunicar-se com os pais ou responsáveis. A partir do momento que vão crescendo, eles começam a aprender as primeiras palavras ouvindo as pessoas, e na interação sócio comunicativa aprendem a oralidade e a utiliza com naturalidade. No momento em que o cidadão se matricula ou é matriculado em uma escola, ele já é detentor de um vasto conhecimento adquirido no seu convívio social, o conhecimento prévio ou também chamado conhecimento de mundo.

Nesse sentido, o autor nos faz refletir sobre o contato com o livro, antes mesmo desse contato, o indivíduo já tem um contato com a leitura do mundo, o conhecimento prévio adquirido com sua experiência de vida, pois cada um tem uma forma de interpretar e ver as coisas que está a sua volta, por isso a leitura do mundo é sempre fundamental para a importância do ato de ler, de registrar ou reescrever e transformar através de uma prática consciente. Isso quer dizer que o dia a dia do aprendiz está diretamente cogitado no procedimento de conhecimento e interpretação das palavras e frases escritas.

Assim, a leitura é uma forma de atribuição contínua de significado, os quais precisam ser desvelados pela compreensão do ser humano, pela sua subjetividade. A leitura é um dos grandes elementos da civilização humana. É preciso que a escola proporcione esse contato com a leitura, que os ensine a ler. Para isso, a biblioteca escolar é um ambiente perfeito para que todos que dela participam possam desfrutar de seus livros como fonte de conhecimento, formando assim, cidadãos leitores.

Foto do site: http://www.revistaeducacao.com.br/apos-a-alfabetizacao-desafio-do-professor-e-inserir-as-criancas-na-cultura-letrada. Acesso em: 30 de nov. 2017.

De acordo com a imagem acima, a aluna está em contato com a leitura, no processo de alfabetização, e o incentivo do professor aos alunos nesse momento é muito importante para que eles possam ter uma visão diferenciada do mundo através do ato de ler. Isso ocorre na sala de aula quando o professor apresenta textos diversificados, para que os alunos façam uma relação da sua realidade com a sala de aula.

2.3 Estratégias de leitura

Se baseando ainda nos Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p. 60). O trabalho com leitura deve ser diário. Há inúmeras possibilidades para isso, pois a leitura pode ser realizada:

- De forma silenciosa, individualmente;
- Em voz alta (individualmente ou em grupo) quando fizer sentido dentro da atividade;
- Aproximar o leitor do texto, e torná-los familiares;
- Pela escuta de alguém que lê – O colega
- Leitura em voz alta – feita pelo professor
- Estimular o desejo de outras leituras – fora do espaço escolar
- Possibilitar produções – tanto orais quanto escritas
- Possibilitar ao leitor compreender a relação que existe entre a fala e a escrita;

- Favorecer a aquisição de velocidade na leitura;

Nesse contexto, o autor MICOTTI, (2009, P.39) destaca orientações como:

- A leitura silenciosa-exploração de textos;
- Leitura coletiva – a coordenação dos intercâmbios coletivos de modo que permitam que cada aluno, mesmo aquele que ainda não se alfabetizou, formule, segundo seus conhecimentos, hipóteses sobre o sentido do texto, e confronte essas hipóteses com as de seus pares;
- A escrita de textos – mediante procedimentos que permitem o desenvolvimento da organização textual, o aprendizado do código alfabético, da gramática e da ortografia, e assegure a continuidade do ensino;
- As avaliações de desempenho de leitura coletivas e individuais – com ênfase na auto-avaliação, envolvendo reflexões sobre aspectos característicos do texto trabalhado e do percurso seguido na exploração e na elaboração de textos.

Neste aspecto, o Ministério da Educação (MEC, 2007, P.40) apresenta algumas estratégias essenciais à compreensão dos textos lidos:

- I Desenvolver atitudes e disposições favoráveis à leitura: após a leitura, o leitor determina suas escolhas, servindo de contraponto para outras leituras. O adulto deve ser seu modelo de leitura.
- II- Desenvolver capacidades de decifração: Saber decodificar palavras: identificar relações entre grafemas e fonemas. Saber ler reconhecendo globalmente as palavras: favorece uma leitura rápida e permite que o leitor não se detenha em fragmentos como “sons” e nomes de letras.
- III- Desenvolver fluência em leitura. Compreende textos: Identificar finalidades e funções da leitura em função do reconhecimento do suporte, do gênero e da contextualização do texto – proporcionara familiaridade com gêneros textuais diversos.

O Ministério da Educação (MEC, 2007) apresenta ainda algumas capacidades essenciais à compreensão dos textos lidos:

a) Desenvolver atitudes e disposições favoráveis à leitura: após a leitura, o leitor determina suas escolhas, servindo de contraponto para outras leituras. O adulto deve ser seu modelo de leitura.

b) Desenvolver capacidades de decifração: Saber decodificar palavras: identificar relações entre grafemas e fonemas. ! Saber ler reconhecendo globalmente as palavras: favorece uma leitura rápida e permite que o leitor não se detenha em fragmentos como "sons" e nomes de letras.

c) Desenvolver fluência em leitura. ! Compreende textos: Identificar finalidades e funções da leitura em função do reconhecimento do suporte, do gênero e da contextualização do texto – proporcionar a familiaridade com gêneros textuais diversos.

Desse modo, haverá inúmeras estratégias de leitura, em diferentes situações e momentos. Dentre elas, destacam-se alguns, segundo SOLE (2008, p. 160), ler para:

- Obter uma informação precisa;
- Seguir instruções;
- Obter uma informação de caráter geral;
- Aprender;
- Para revisar um escrito próprio.
- Por prazer;
- Comunicar um texto a um auditório;
- Praticar a leitura em voz alta;
- Verificar o que se compreendeu.

Nesse sentido, LINARDI, (2008) frisa que o investimento na prática de leitura tem se intensificado nos últimos anos no meio escolar. O poder público percebeu que sem o incentivo à leitura, não há desenvolvimento adequado da compreensão, interpretação e produção de textos. Algumas ações capitaneadas fazem parte desse investimento, como projetos, programas, atividades e eventos implementados pelo governo federal e com a participação da sociedade, cujo objetivo é levar a leitura para o dia- a- dia do brasileiro (LINARDI, 2008, apud: SOLÉ, 2008, p.103).

De acordo com SOLÉ, o aluno ao planejar sua tarefa de modo geral, no contato com o texto o leitor fará algumas perguntas para compreendê-lo:

- 1 – Compreender os propósitos implícitos e explícitos da leitura. Que /por que/ para que tenho que ler?
- 2- Ativar e aportar a leitura os conhecimentos prévios relevantes para o conteúdo em questão. Que sei sobre o conteúdo do texto?
- 3 – Dirigir a atenção ao fundamental, em detrimento do que pode parecer mais trivial
- 4 – Avaliar a consistência interna do conteúdo expressado pelo texto e sua compatibilidade com o conhecimento prévio e com o sentido comum. Este texto tem sentido?
- 5 - Comprovar continuamente se a compreensão ocorre mediante a revisão e a recapitulação periódica e a auto-interrogação. Qual é a ideia fundamental que extraio daqui.
- 6- Elaborar e provar inferências de diversos tipos, com interpretações, hipóteses e previsões e conclusões. Qual poderá ser o final deste texto?

Dessa forma, o aluno irá refletir a respeito do texto e sua curiosidade será aguçada. Por outro lado, é importante fazer previsões e exigir que a criança corra riscos. “É preciso ter certeza de que isso é possível, ou seja, que ninguém vai ser sancionado por ter se aventurado,” por ter se arriscado. (SOLÉ, 2008, p.108).

Por isso, o leitor precisa fazer com que a leitura gere aprendizagem, atribuindo significados ao texto lido. Essa aprendizagem diz respeito à compreensão da leitura, a habilidades, procedimentos das estratégias que levará o leitor a entender o conteúdo do respectivo texto.

De tal modo, os alunos passarão a ter contato com a linguagem escrita, através de variados textos que lhes oportunizem o gosto e o prazer de ler; necessitam ser instigados desde as séries iniciais. O educador precisa ser o principal agente incentivador da relação dos alunos com o livro.

3 CONTEXTO DA PEQUISA: CULTURA ESCOLAR EM QUESTÃO

O ponto de partida fica evidente a partir das diversas práticas de leitura, o leitor se torna um cidadão diferente. Uma vez que a leitura é antes de qualquer coisa um princípio de cidadania, assim um bom leitor será um bom cidadão, conforme destaca SILVA (2002):

> Nunca é demais lembrar que a prática da leitura é um princípio de cidadania, ou seja, leitor cidadão, pelas diferentes práticas de leitura, pode ficar sabendo quais são as suas obrigações e também pode defender os seus direitos, além de ficar aberto às conquistas de outros direitos necessários para uma sociedade justa, democrática e feliz (SILVA, 2002, p. 24)

Assim, na visão de Silva ele relata que o habito pela leitura é o início para torna-se o indivíduo leitor capaz de proteger seus direitos e deveres além de lutar e resguardar- se os seus ideais e tomando o seu lugar na sociedade.

É importante salientar que um dos maiores desafios dos professores da educação básica é ensinar a *leitura* para os estudantes, pois ensinar não é somente decifrar códigos, mas inventava-los a ter rotina de ler. Seja essa leitura por prazer, ou para pesquisar, para obter informações. Esse exercício da leitura aprimora o vocabulário, aumentando o entendimento e a explanação. Exclusivamente, com os aparecimentos tecnológicos do mundo moderno, cada vez menos as pessoas interessam-se pela leitura.

Vale frisar ainda que, a leitura é um ato de grande importância para a aprendizagem do ser humano, além de favorecer o aprendizado de conteúdo específico, aprimora a escrita. O contato com os livros ajuda ainda a formular e organizar uma linha de pensamento. Conforme afirma FREIRE (2002)

> "A compreensão crítica da alfabetização, que envolve a compreensão igualmente crítica da leitura, demanda a compreensão crítica da biblioteca". Dessa forma, é preciso que a escola proporcione aos alunos o contato com a leitura, que os ensine a ler. Para tal prática, a biblioteca escolar é um espaço perfeito para que todos que nela atuam possam usufruir de seus livros como fonte de experiência, formando assim, cidadãos leitores. (FREIRE, 2002, P.13).

Tendo em vista a realidade da leitura nas escolas, percebemos que é normal em algumas escolas reservarem um espaço para a leitura, os quais são na sala de leitura ou biblioteca escolar. Contudo, percebemos que na prática muitas bibliotecas escolares não são utilizadas de forma adequada, sob o espectro de uma visão ultrapassada. Desse modo, é normal vê-las como simples armazéns de livros, isso vai além da rede pública como na rede

privada. Porém, nem todas as escolas são semelhantes, algumas sabem apreciar esse tesouro, fazendo uso dos livros que possuem.

> Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida: a leitura independe da aprendizagem formal e se perfaz na interação cotidiana com o mundo das coisas e dos outros. (LAJOLO, 2004, p. 7).

Neste aspecto, segundo a autora, a leitura do mundo vem bem antes que a leitura da palavra, quando o indivíduo aprende a juntar as silabas, e consequentemente a ler, compreendem o texto e alcançam através da sua leitura crítica as relações implícitas entre o texto e o contexto. A prática da leitura se faz presente na vida das pessoas desde o momento em que passam a compreender o mundo a sua volta.

No constante desejo de decifrar e interpretar o sentido das coisas que os cercam, de perceber o mundo sob diversas perspectivas, de relacionar a ficção com a realidade em que vivem no contato com um livro, enfim, em todos esses casos, está de certa forma lendo, embora muitas vezes o indivíduo não se dá conta disso.

Conforme (FREIRE, 2008. P.11) já postulava que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”

Considera-se, por tanto que é cogitando a temática da leitura, e discutindo sua respectiva importância, explicitando a concepção crítica da alfabetização e a seriedade de uma biblioteca pública, mostrando seus conhecimentos de leitura e de ensino. Refletindo e pensando sua própria prática, sua vivencia pessoal. Isto visto que, a leitura da palavra é sempre antecipada da leitura do mundo. Aprender a ler, e alfabetizar-se é, também, observar a leitura de mundo, entendendo o seu contexto, na inclusão ligada à linguagem e realidade.

Desse modo, o autor nos mostra que antes mesmo do contato com o livro o indivíduo já tem um contato com a leitura do mundo, com sua experiência de vida, pois cada ser tem uma maneira de interpretar e ver as coisas que o rodeia, por isso a leitura do mundo é sempre fundamental para a importância do ato de ler, de escrever ou reescrever e transformar através de uma prática consciente.

Isso equivale dizer que a realidade cotidiana do aprendiz está diretamente refletida no processo de conhecimento e interpretação das palavras e frases escritas. Com isso a leitura é uma forma de atribuição contínua de significado, os quais precisam ser desvelados pela compreensão do ser humano, pela sua subjetividade.

Assim, a leitura é um dos grandes elementos da civilização humana. De acordo frisa Linardi:

> O investimento na prática de leitura tem se intensificado nos últimos anos no meio escolar. O poder público percebeu que sem o incentivo à leitura, não há desenvolvimento adequado da compreensão, interpretação e produção de textos. Algumas ações capitaneadas fazem parte desse investimento, como projetos, programas, atividades e eventos implementados pelo governo federal e coma participação da sociedade, cujo objetivo é levar a leitura para o dia- a- dia do brasileiro (LINARDI, 2008) (*Apud* SOLE, 2008. p. 157).

Nesse sentido, o aluno só aprendera a ler se houver o incentivo e um professor que saiba ler, pois lhe servirá de exemplo. Esse professor precisa ler para esse aluno, incentivando-o, pois, o momento da leitura é um momento de prazer para ambos. A definição pode estar em diversos lugares, mas ao extrair, põe-se o significado dentro do texto. Uma afinidade que parece refletir adequadamente esta acepção de leitura é a de que o texto é uma mina, provavelmente, cheia de riquezas, mas que precisa ser persistentemente explorada pelo leitor.

3.1 Entorno Pedagógico: Escolas rurais, caracterização e descrição

Nesse contexto, o hábito da leitura deve ser estimulado ainda na infância para que o indivíduo aprenda desde pequeno que ler é algo importante e, acima de tudo, prazeroso. Uma leitura realizada com prazer desenvolve a imaginação, a escuta atenta e a linguagem das crianças.

Neste sentido, o ambiente em que a criança está inserida deve ter esse contato com a leitura, desde cedo à criança precisa ter o contato com os livros. Essa importância da leitura realizada por quem reside com essa criança, contribui para familiarização da criança com a leitura através de textos escritos e da linguagem. Estimular a criança à importância da leitura, a sua finalidade, que é algo fundamental para o convívio em sociedade e consequentemente para as reações de vida enquanto estudante. E ao provocar esse estimulo na criança à família está a incentivando a explorar o universo da leitura e escrita de acordo com a sua necessidade.

Desse modo para trabalhar as atividades de leitura, Antunes (2002, p.107.). Sugere alguns procedimentos. Além de trabalhar a leitura como atividade interativa, estabelecendo o encontro entre quem escreve é quem lê empregar a leitura de textos autênticos, reais, que possuam uma função comunicativa, e adotar textos cujo sentido seja acessível.

É preciso que, ao propor tais atividades o mediador prepara os alunos e orienta sobre a discussão. Refletindo sobre essas diferentes modalidades de leitura. O hábito da leitura pode

também funcionar como um exercício de fixação, pois boa parte dos assuntos estudados na escola é ensinada apenas na teoria. Além disso, durante a leitura, é possível notar faces diferentes de um mesmo assunto, descobrindo um mundo novo, cheio de coisas desconhecidas.

Por outro lado, analisa-se que, formar bons leitores então é algo que requer condições favoráveis para tais práticas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais Ed. 3° p. 58 nos mostra algumas orientações didáticas para o incentivo à leitura, tais como:

- Dispor de uma boa biblioteca na escola;
- Dispor, nos ciclos iniciais, de um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura
- Organizar momentos de leitura livre, em que o professor também leia;
- Despertar o desejo dos alunos participarem das rodas de leitura;
- Planejar as atividades diárias garantindo que as aulas de leitura tenham a mesma importância que as demais;
- Possibilitar aos alunos a escolha das suas leituras;
- Garantir que os alunos não sejam importunados durante os momentos de leitura;
- Possibilita aos alunos empréstimos de livros na escola;
- Quando houver oportunidade, sugerir títulos de livros para serem trabalhados;
- Construir na escola uma política de formação de leitores; descrito no Projeto Político Pedagógico – PPP;

Além das condições apresentadas, são necessárias propostas didáticas especificas no sentido de formar leitores.

Segundo o PCN, terceiro ciclo p. 81. A conquista dos objetivos propostos para o ensino fundamental depende de uma pratica educativa que tenha como eixo a formação de um cidadão autônomo e participativo. Essa pratica pressupõe que os alunos sejam sujeitos de seu processo de aprendizagem e que construam significados para o que aprende, seja por meio da leitura ou múltiplas e complexas interações com os objetos de conhecimento, tendo por tanto o professor como mediador, a análise das diferentes relações que ocorrem entre aluno-professor-saber e de diferentes didáticas presentes no processo de ensino e aprendizagem é apresentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais como orientações didáticas.

É de suma importância compreender que são situações didáticas adaptadas para promover o gosto pela leitura ampliando o desempenho leitor no aluno, metodologia a partir

de práticas de leitura, construindo críticas no momento de selecionar o material que esse aluno terá acesso para desenvolver o processo de leitura. É essas circunstâncias didáticas atribuídas com regularidade favorável a leitura. Como o exemplo de tais atividades (historias, curiosidades, notícias) gêneros textuais as quais os alunos escolhem o que será lido, de acordo ao ambiente em que esse sujeito está inserido. Segundo frisa RIOS:

> Ser professor na roça exige um movimento de deslocamento e pertencimento de cada sujeito envolvido. Constituir os processos identitários da profissão significa pensar o exercício do magistério como o modo de vida de um grupo profissional, observando espaços e temporalidades distintos que constituem a docência. (RIOS, 2015, p. 13).

Para isso, o professor pode orientá-los a levar o material para casa e um de cada vez no dia seguinte realizar a leitura em voz alta para os colegas. Outro exemplo é a chamada "Roda de leitura" a qual é realizada com todos os alunos na sala durante a aula. A leitura realizada pelo professor na sala é uma das mais comuns orientações didáticas no meio das diversas.

> A concepção de leitura em vigor reforçou-o e deu-lhe instrumentos no plano de metodologia de trabalho em sala de aula. Num primeiro momento, confinou leitura à alfabetização, isto é, aprendizagem e emprego do código escrito segundo a norma urbana culta. Esta, previamente dominada pela elite, é compreendida como uma segunda língua pelos que não a utilizam coloquialmente vale dizer, os alunos originários do meio rural ou de camadas socialmente inferiorizadas. A seguir associou leitura com o conhecimento da tradição literária, valorizando o passado da literatura nacional e os escritores que então pontificaram. (ZILBERMAN, 1988, p. 50).

Percebemos que a leitura na escola brasileira passou por métodos como as cartilhas, apostilas e aos poucos foi sendo inserida pelo livro didático, tendo este êxito integral no espaço escolar. Por outro viés, a leitura de livros tidos como clássicos passou a ser o mais usado entre o público, pois os autores tinham nomes aproveitados pela crítica e pela História da Literatura, sendo ponderados formadores de bom gosto. Nota-se, ainda, que o assunto que corre a circunstância atual da leitura e que tem um tanto do passado, pois as bibliotecas já eram pobres e o livro caro.

Isso nos leva a conjeturar sobre a educação segundo Zilberman (1988) que, para que a educação esteja à aquisição de todos, faz-se indispensável que, num país em que a tradição hesita de sua nacionalidade e continua analisando sua analogia, uma pratica de leitura que retorne o livro público sem que este rejeite seu compromisso com o saber, por quanto versa na probabilidade de extrusão com a vinculação. No entanto, é conciso que seja também

democrática e pública, a motivo de beneficiar nosso espaço escolar e as pessoas carentes que frequentam o referido espaço, aprofundar a camada social e promover seus diretos.

Nesse sentido, RIOS, (2011) medita sobre a juventude no ambiente das ruralidades é pensar nas marcas sociais constituídas pela herança cultural de uma época em que os direitos humanos eram negados a esses sujeitos, e que dessa forma constituem as identidades dessas pessoas, representadas aqui pelo descaso, pelo estereótipo do atraso e da ignorância, incluindo-se, nesse caso, a constante do êxodo para os grandes centros em busca de melhores condições de vida e todas as mudanças ocorridas ao longo do tempo até os dias atuais. (RIOS, 2011. P.4)

A autora nos leva a refletir sobre a formação da criança, pois essa formação não é algo que se dá apenas com a institucionalização. Mas está subentendida nos experimentos particulares e coletivos de acordo com a família, a escola e do trabalho que despertam naturalmente subcategorias expressivas: religiosa, cultural, política e comunitária. Esses elementos são retorna dos espontaneamente para a trajetória de formação, necessitando de um contemplar mais acautelado ao se refletir nos métodos que atendem a esse público.

> Os exemplos familiares reforçam a necessidade de se rediscutir a organização familiar, levando em consideração que as famílias constituídas na área rural são, em geral, marcadas pela presença constante da mãe como educadora e responsável pelos filhos e os homens estão voltados apenas para a manutenção da família. (OLIVEIRA, 2012, p. 42, apud RIOS, 2011, p.10).

Dentre tais reflexões a autora pontua com ênfase a visão do homem como o arrimo de família e a mulher apenas a colaboradora perdurou por muito tempo. O que se percebe atualmente é que a mulher ganhou espaço nas decisões e principalmente no que concerne a organização familiar, sendo essa perspectiva presente ao longo das narrativas dos jovens. A configuração familiar não é essencialmente marcada pela construção tradicional de família onde prevalece o poder patriarcal, a mulher passa a assumir responsabilidades pela casa e pelos filhos.

Nesse aspecto, um estudo do IBGE considera que no Brasil existem quarenta e oito milhões de jovens entre 15 e 29 anos, dos quais sete milhões trezentos e cinquenta e oito mil e seiscentos e noventa e dois deles vivem no meio rural. A nomenclatura rural é utilizada pelo IBGE como aspecto definidor da localização geográfica em que os sujeitos vivem, sendo utilizada neste estudo apenas como aspecto que ilustra a densidade demográfica e a pertinência da realização do estudo. (IBGE, 2010).

Conforme dados do Ministério da Educação, (MEC) apesar do campo abrigar apenas 13% dos estudantes brasileiros, metade das escolas do Brasil estão localizadas na esfera rural.

Ironicamente, porém, a média dos anos em que um aluno permanece na sala de aula neste meio é de apenas 4 anos, em contraposição ao aprendiz das cidades, o qual contabiliza uma escolaridade de 7 anos. Além disso, pelo menos 50% das **escolas rurais** apresentam uma estrutura precária, com somente uma classe, ao contrário do perímetro urbano, no qual mais da metade dos estabelecimentos de ensino tem espaço para mais de 300 estudantes. Um dos fatores que mais propiciaram praticamente o abandono destas escolas foi à fuga dos agricultores para os centros urbanos, o que provocou uma redução do nível demográfico no ambiente rural.

Assim, os dados do Censo Escolar de 2009 apontam a existência de mais de 80 mil escolas localizadas em áreas rurais no Brasil, a Pesquisa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pnera), realizada em 2004 pelo Inep e pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), demonstra que apenas 8.679 atendem a alunos residentes em assentamentos, sejam elas localizadas nos próprios assentamentos ou em seu entorno.

A mesma pesquisa, que é a que traz dados específicos mais recentes sobre a educação em assentamentos, aponta que no Brasil cerca de 980 mil estudantes integram uma população assentada que ultrapassa 2,5 milhões de pessoas. Os dados também evidenciam as limitações da oferta dos diferentes níveis e modalidades de ensino nas escolas que atendem aos estudantes assentados: enquanto 84,1% delas oferecem o primeiro segmento do ensino fundamental, apenas 26,9% têm o segundo segmento e 4,3% o ensino médio. No que se referem à educação profissional, os índices são ainda mais baixos: 0,2% dessas escolas oferecem educação profissional na modalidade de formação inicial e continuada, e 0,3% a educação profissional de nível técnico.

> Ao conceber o significado do trabalho do professor, Pimenta (2002, p. 80) contribui com uma importante reflexão da qual a educação é descrita como ato que tem por objetivo humanizar os indivíduos. Sendo assim, como prática social ela ocorre em todas as instituições e —[...] como prática social sistêmica e intencional, acontece em algumas, dentre as quais se destaca a escola. (Pimenta 2002, p. 80. Apud CUNHA, 2012, p. 10).

Segundo Robison Sá: *"*As tecnologias educacionais é um direito de todos aqueles que dependem da educação para promover ou exercer a cidadania*"*. A educação não é somente formada pelo professor, a sala de aula e os alunos, mas também de uma camada administrativa responsável por todo o funcionamento da instituição. É justamente nesse contexto que as Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs) mais precisam ser

evidenciadas, uma vez que o montante de documentos solicitados pelas Secretarias de Educação é cada vez maior em termos quantitativos e também qualitativos. Muitas escolas rurais ainda não contam com a disponibilização de internet. Isso compromete a comunicação entre os órgãos competentes da educação, seus atores e a sociedade, além disso, impossibilita a disseminação do material produzido na escola, através dos seus projetos educacionais, que poderiam servir de norte a outras escolas com realidade igual ou divergente.

> No ruralismo pedagógico, o docente era entendido como uma pessoa importante para a formação ideológica dos trabalhadores, tendo a incumbência de evitar que eles migrassem do meio rural para as periferias das cidades, ensinando-os a lidar com o solo, com a pecuária e o cultivo de outros tipos de culturas. O professor deveria ser um trabalhador diferenciado nas comunidades rurais por ser um profissional preparado pelos livros para lidar com a produtividade do campo. Diante dessa tarefa, começa a surgir a preocupação com a formação específica do docente rural, o que impulsionou a criação da Escola Normal Rural, vinculando a formação de professores, inicialmente, à idéia de civilizar e levar o progresso ao meio rural. (PACHECO, 2015, p. 4).

No contexto da participação social, está, ainda, a inclusão dos jovens nos movimentos estudantis. Entretanto, no espaço urbano, acabam se mobilizando junto aos demais jovens nesses movimentos, uma vez que o percurso de desenvolvimento dos jovens das escolas rurais acontece num movimento diaspórico, ou seja, a dispersão de alguns elementos presentes nas comunidades ou, até mesmo, dos povos que ali vivem. Ocorre, dessa maneira, a participação na construção de decisões inerentes à sua condição juvenil e à melhoria de condições de vida.

Rios (2015) diz que o processo inicial de formação das professoras foi caracterizado pelas experiências como estudantes/trabalhadoras que vivenciaram a escola na relação partilhada com os saberes e fazeres produzidos na roça. Esse conhecimento do vivido, presente nas narrativas, trazia o lugar da profissão valendo-se das lembranças da escola concretizadas no fazer da antiga professora rural.

> Professor é uma profissão árdua, é um cargo muito grande. [...] Eu sei que é uma responsabilidade muito grande e tem momento que é muito angustiante, quando a gente passa por decepções. Eu, por várias vezes, passei por questão de gestores que não valorizaram o professor. Tem vez que até alguns pais não valorizam ou não valorizavam o trabalho do professor, mas tem também aqueles que valorizam e deixam a gente orgulhosa. [...] Eu acredito que em toda profissão tem isso, mas a profissão de professor é mais questionada. (RIOS, 2015, P.15).

Além disso, Rios (2015) Frisa ainda O processo de profissionalização da docência representa uma mudança de paradigma no que se refere à formação, o que implica sair do "paradigma dominante" baseado na racionalidade técnica, no qual o professor é um técnico

executor de tarefas planejadas por especialistas para se procurar "um paradigma emergente", no qual o professor é construtor da sua identidade profissional, segundo os contextos específicos de produção dessa identidade.

3.2 Leitura na escola

O objetivo da escola é formar cidadãos leitores competentes, que ao longo do período escolar se torne leitores competentes, capazes de ler tudo a sua volta e compreende-los. Na educação fundamental a leitura e a escrita brotam juntas como objetivos primordiais, o eficaz é que esses alunos na etapa final possam ler textos adequados para sua idade de forma autônoma. Diferente do que vemos nas escolas, a preocupação com a leitura enquanto decodificação nas series iniciais, e logo mais com a leitura de textos maiores.

Observa-se que é admirável a participação da sociedade na escola, de forma que as experiências adquiridas provoquem uma ampla inclusão, integração e interação no ambiente. A prática escolar, escola-sociedade tem como desígnio colocar sujeitos como cidadãos partícipes de uma sociedade, desde o inicio da sua escolaridade.

Neste aspecto, a escola tem por responsabilidade proporcionar aos seus alunos condições para que esses tenham acesso ao conhecimento da leitura como função social. Nesse ciclo de criação do conhecimento, próprio da vida escolar, a leitura ocupa, sem dúvida alguma, um lugar de destaque, já que ensinar a ler é um meio básico para o desenvolvimento da capacidade de aprender e constitui competências para a formação do aluno.

Desse modo, o trabalho da leitura na escola tem como finalidade a formação de leitores competentes, e consequentemente, o desenvolvimento de escritores, pois a probabilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na pratica de leitura. É preciso superar determinadas considerações sobre o aprendizado inicial da leitura, pois não é ler simplesmente decodificando. Por causa desta compreensão equivocada a escola vem produzindo abundância de leitores hábeis de decodificar qualquer texto, em contrapartida com dificuldades de interpretar aquilo que se leu. Como nos orienta o PCN 3° Ed.

> Uma prática constante de leitura na escola pressupõe o trabalho com a diversidade de objetivos, modalidades e textos que caracterizam as práticas de leituras de fato. Diferentes objetivos exigem diferentes textos, e cada qual, por sua vez exige modalidades de leitura, há textos que podem ser lidos apenas por partes, buscando-se a informação necessária, outros precisam ser lidos exaustivamente e várias vezes. (PCN 3° Ed. P. 57)

Uma pratica de leitura na escola exige várias leituras, pois não há uma interpretação única. O significado do texto, nem sempre está explícito no texto, essa definição será construída ao longo da leitura pelo interesse do leitor, a partir, não só do que ele vê escrito, mas do conhecimento precedente, de mundo que ele traz consigo. E se faz necessário que o professor/mediador compreenda os diferentes tipos de sentidos que esses alunos darão ao texto. Provocando interpretações múltiplas.

> [...] A aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e, educação é um ato fundamentalmente político. Paulo Freire reafirma a necessidade de que educadores e educandos se posicionem criticamente ao vivenciarem a educação, superando as posturas ingênuas ou "astutas", negando de vez a pretensa neutralidade da educação. (FREIRE, 1989. p. 7).

Dessa forma, o autor nos leva a refletir sobre a tarefa da escola em relação à leitura. Todos os envolvidos no ambiente escolar, principalmente o professor como educador, que possui um papel importante nesse processo e o aluno enquanto educando/leitor, que por sua vez vivenciará essa pratica de leitura construindo um saber na escola e para além do espaço escolar.

Assim, a maioria das crianças e jovens no Brasil tem acesso à escola, no entanto, há alunos que não encontram o apoio necessário na escola, apoio esse de incentivo à leitura a escrita, uma base alfabética. São dificuldades que aparecem nas nossas escolas e nos mostram os números de analfabetismo. Nesse processo relativo à alfabetização o professor/escola precisa auxiliar o aluno dentro da sala interagindo, e incentivando o desejo pela leitura. Conforme explícita MARTINS 1986:

> Leituras individualizadas. Dessa forma, o texto quando A prática da leitura da palavra é um fator que deve ser realizado, na sala de aula e na biblioteca, fazendo uso de livros didáticos e literários, revistas, jornais, entre outros, a fim de transformar em qualidade a relação textual com o mundo leitor. O incentivo à leitura deve partir do professor em sala de aula, dos pais e da sociedade, pois assim os alunos passarão a buscar lido com intenção de compreendê-lo tem o poder de transformar o leitor passivo em um leitor crítico e agente capaz de modificar e formar conceitos. (MARTINS, 1986, P.14).

Faz-se necessário que essa prática de leitura se inicie na escola, pois muitos alunos não têm esse costume de ler em casa, por isso a escola tem o papel fundamental de estimular a leitura na educação. Assim sendo, a escola é a porta de informação que provê as qualidades básicas para a prática constante.

> A insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada. A mesma, ainda que encarnada desde outro ângulo, que se encontra, por exemplo, em quem escreve, quando identifica a possível qualidade de seu trabalho, ou não, com a quantidade de páginas escritas. (FREIRE, 2008, p. 17).

Ainda que seja em um espaço pequeno faz-se necessário que o aluno tenha a relação com o livro, ele precisa visitar a biblioteca da escola, pois é um espaço importante para a aprendizagem desse aluno. Sendo ambiente especifico para a leitura, ampliando no individuo a inclusão social. A escola na maioria das vezes representa esse primeiro contato de determinadas crianças com o livro, em ocasiões com o livro didático, quando não tem acesso a biblioteca. Porem esse contato precisa existir fora do espaço escolar, com o apoio da família.

Partindo desse entendimento a leitura é importante na escola e conseqüentemente para a sociedade**.** Quando o aluno lê, os significados e valores que tem acerca dos acontecimentos do mundo, sobre a vida, entram em contato com os sentidos difundidos nos textos. Assim, a leitura na sala de aula convém para o aluno estudar e participar das práticas sociais de leitura que acontecem em todos os espaços onde esse indivíduo circula, seja no restaurante, enfim, em todo lugar.

> Silva (2002, p. 75), concebe a leitura a partir das considerações sociais presentes na realidade brasileira. "Ler é um direito de todos e, ao mesmo tempo, um instrumento de combate à alienação e à ignorância". A leitura como função social deve estar relacionada com uma liberdade na leitura por prazer, compreender e criticar o que foi lido.

Diante dessas questões a leitura nas aulas iniciais necessita ser aberto para não agarrar ou constranger o aluno a exercitar o que não possui vontade, ou seja, o professor precisa estar consciente sobre o método de leitura, os alunos devem ser incentivados pelo educador a ler textos que acham fascinantes, pois há diversos tipos de textos que podem e precisam ser estudados em sala, no formato que não seja cansativo. Conforme nos esclarece Lajolo (1993).

> O encaminhamento da leitura deve ser orientado para uma série de reflexões, visando os materiais selecionados e os procedimentos adotados para essa orientação. O profissional que está inserido na área da educação precisa ter consciência do processo de leitura para descobrir e aumentar as suas representações sobre o mundo da leitura. Um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê. É preciso que haja espaço para a leitura nos cursos destinados aos profissionais de leitura. (LAJOLO, 1993, P.18).

Partindo desse sentido, a prática da leitura em sala de aula só proporcionará um acréscimo adequado se o professor a qual estimula essa leitura possuir o costume de ler. Faz-se necessário que antes de levar um texto para seus alunos, o professor tenha o conhecimento, ou seja, dispor de tempo antes de suas aulas de leitura, assim será mais complacentes tanto para analisar quanto para propor os textos que serão lidos. Vale ressaltar que isso ampara a qualquer educador, pois o professor de qualquer especialidade seja Matemática ou Geografia é, antes de tudo, um professor de leitura, pois isso não abrange especificamente o professor de Português. Sendo este um fator que precisa ser concretizado na classe escolar e na biblioteca, com o intuito de transformar as características do contexto do leitor com o mundo.

Desse modo, o professor é o influente fundamental nesse caso, organizando seus alunos para a leitura de gêneros textuais diversificados, com a intenção de empregar se de distintas estratégias e explanações. A contribuição da leitura para o aluno precisa partir do professor no ambiente escolar, dos pais em casa e da sociedade em que este sujeito se encontra inserido, pois dessa forma os alunos irão sentir-se impulsionados a buscar variados tipos de leituras, o texto quando lido com finalidade de compreendê-lo tem a capacidade de transformar o leitor paciente em um leitor crítico e capaz de transformar e formar opiniões.

> O professor de português deve dispor de uma noção ampla de linguagem, [...] deve estar familiarizado com a leitura bastante extensa de literatura, particularmente da brasileira, da portuguesa. (LAJOLO, 1993, P.20).

Contudo, a autora nos leva a pensar sobre o papel do professor de português na sala de aula, deve estar familiarizado com a educação da língua portuguesa e de leitura nas escolas. Para que possa compreender que a leitura é um procedimento, aos quais esses educadores necessitam ter empenhos, incentivar esse processo apontando o caminho a ser cursado diante esse artifício de letramento/leitura e escrita. Contudo, além do professor ter o papel o papel de agente que informa os conteúdos, será alguém que poderá ensinar a estima que a sua língua materna possui, mostrando a relação prazerosa com a leitura, se verdadeiramente é um bom leitor, se tornando exemplo a ser seguido pelos seus alunos.

Outro aspecto evidenciado sobre a prática de leitura, segundo o PCN (3ed. 2001 P.57) A pratica constante de leitura na escola pressupõe o trabalho com a variedade de finalidade, modalidades e textos que distingue as práticas de leitura de fato. Diferentes objetivos exigem distintos textos e, cada um, por sua vez, exige uma modalidade de leitura.

Diante disso, existem diferentes modalidades de leitura de um texto, existem textos que podem ser lidos por pequenas partes, procurando apenas a informação que precisa, mas, o contrário disso, há textos que será necessário que leia mais de uma vez se tornando fadigoso.

Sabe-se, conforme Freire (2008), que é praticando a leitura que se aprende ser um bom leitor, já que se é praticando que se aprende a nadar, se é praticando que se aprende a trabalhar, é praticando também que se aprende a ler e a escrever. Vamos praticar para entender e aprender para praticar melhor. Um texto para ser lido é um texto para ser analisado. Um texto para ser estudado é um texto para ser interpretado. Não podemos interpretar um texto se o lemos sem atenção, sem curiosidade. (FREIRE, 2008 p.47)

Diante de tal reflexão o autor apresenta que só se torna bom em alguma coisa, só aprende com a prática, e acrescenta que um texto quando lido precisa ser analisado, mas para isso o leitor precisa de total atenção ao realizar a leitura para então compreende - lá.

Com base nisso faz se necessário que o aluno, na sala de aula, leia com prudência. Ele precisa ser motivado pelo professor, que deve esclarecer a esse aluno o que está posto nas entrelinhas, nas figuras, no título, ou seja, em todo o texto, despertando assim a curiosidade do aluno. E assim, produzir espaços de leitura.

Dessa forma, para garantir que ocorra o procedimento de alfabetização é imprescindível instituir um ambiente alfabetizador. O contato da criança com esse ambiente leva a formular suposições, ajustando-se ao processo de alfabetização. Isto acontece no momento em que esse indivíduo entra na escola, cujo espaço precisa garantir, além do acesso às informações, como a constituição de valores que apronta o sujeito para eficaz participação social.

3.3 Formações Docentes: Relação entre teoria e prática

É possível afirmar que os professores são componentes essenciais na modificação da escola, são eles que ficam em relação direta com os alunos, que delineiam, preparam, dirigem, ajuízam e desenvolvem atividades no cotidiano na sala de aula. Tais professores contêm uma função formidável como educador, para isso faz se necessário que tenham uma formação acadêmica e moral, pois encararão determinados problemas com alunos que são frequentemente associados a uma crescente desestruturação familiar e do ambiente social, tais como: pais separados, alcoólicos, drogas, desempregos, etc.

> O educador não tem a função de apenas ensinar ler, mas criar condições que estimulam os alunos a isso: A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. (MARTINS 1986, p. 34).

Segundo o autor, esse papel de mediador pode separar da prática docente o artesanato que a leitura exige. A partir da sua formação, o professor precisa incentivar o educando, gerando condições de leitura, solucionando as dúvidas que o aluno apresente. De tal modo, a autora nos faz a meditar acerca dos limites dos educadores, e frisa que eles precisam repensar sua prática profissional e passem a agir de forma objetiva e coerente diante dos desequilíbrios e desafios que a realidade apresenta.

> "Ou um texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer sobre nossas aulas". Dessa forma, é preciso que o professor esteja preparado para estar em sala, por isso, ao levar um texto ou indicar um livro, primeiro ele precisa estar interagindo a leitura. [...] (LAJOLO, 2002, P.15).

Diante disso, o educador tem papel principal na motivação para leitura, instruindo os alunos a debaterem, refletirem, assumirem posição e pensamentos, tanto de feitio oral como escrita. Compete, então, ao mestre, como intermediário do processo de construção da aprendizagem e alfabetização, ampliar uma função importante na procura da melhoria de qualidade no procedimento educativo.

> Ao ponderar as semelhanças entre ensino e formação, pondera ser a lógica da formação, e das práticas diferente da do ensino e conhecimento constituído nos princípios e discursos lógicos, no entanto reconhece que a formação envolve saberes. Desse modo, a formação estabelece lógica, por serem medidas pela pratica do saber e do conhecimento. (CHARLOT, 2005, p. 89, *apud* MICOTTI, 2009, p. 266).

O que se percebe sobre a formação dos professores, segundo CHARLOT, (2005) verificou que nas escolas públicas os acontecimentos de relações entre práticas e o conhecimento de diferentes origens no artifício de início da profissão, professores do magistério no tempo inicial de suas vivencias, transformam o seu modo de ensinar. Assim, o apoio das suposições e práticas pedagógicas para a ação docente e as probabilidades de afirmação de conexão entre elas necessitam de estudos. Segundo Micotti:

> O saber teórico é como elemento que viabiliza a revisão de seus saberes da pratica, mediante as práticas de saberes e apropriação da teoria. O papel dos conhecimentos teóricos (saberes constituídos) na atuação docente e na formação continuada de professores. (MICOTTI, 2009, p. 270).

O autor aponta sobre a importância de um espaço acolhedor para os alunos, é necessário que o professor estimule situações de aprendizagem, cheia de significados para as crianças. Os planos e decisões tomadas em conjunto no que diz respeito às atividades que serão realizadas pelo educador e aluno precisa promover o sentido a leitura e escrita. A inserção de tais atividades em projetos no ambiente escolar implica também a contribuição das metodologias didáticas, consolidando o do aprendizado das crianças.

> Ao tentar incorporar o processo do saber cientifico pelo professor, no qual o conhecimento deveria se tornar discurso de formação, num efetivo processo de transposição didática, observa-se freqüentemente que o letramento profissional do professor limita-se ao letramento escolar. (ANDRADE, 2007, p.23)

Desse modo, o autor ressalta, que a utilização da escrita e da leitura constituindo práticas sociais determina diversos tipos de letramento. Nas tomadas de palavra pelo professor em instancias de formação, pode se observar cada vez mais que o letramento cientifico, ou seja, aquele que revela experiências com textos de pesquisa, apresenta a ausência de interpretação, ou pela distorção que ele estabelece na relação com o saber.

Nesse sentido, as leituras devem estar presentes na vida profissional docente, interferindo no que o professor autônomo deve conceber como letramento escolar para seus alunos, nas leituras literárias, jornalísticas, entre outras que poderiam complexar essa relação com a leitura.

Outro aspecto sobre as análises de leituras feitas pelos professores em sua formação, identifica-se que nos textos lançados por estudiosos em adequadas maneiras de leitores e escritores, analisa-se a obra de inclusão na posição de autoria, os próprios leitores de uma figura com a qual se aproxima, procura em tais imagens dos autores, professores-leitores, são pensamentos importantes de leitores, que são além de leitores professores. Conforme nos mostra CHARTIER (1993):

> Não podemos negar que a partir do momento em que tornamos nossa a tarefa de observação e analise do universo docente escolar, passamos, necessariamente, a participar nós mesmo desse universo. Seria uma percepção superficial de o universo considerar que nossa participação limita-se a observação e a descrição do campo da forma mais cientificamente coerente. [...] afinal na formação inicial, ou continua, somos nós que somos professores, que formamos quando escrevemos artigos, livros, e desde o início quando orientamos suas leituras. (CHARTIER, 1993, *Apud* ANDRADE, 2007, p.20).

É preciso que os professores em sua formação inicial, ou continua, devem se dispor a refletir sobre a leitura que é feita nos seus próprios estudos, ou seja, a recepção dos

conhecimentos sobre a leitura. O que irá transmitir aos seus alunos para os torne leitores proficientes? A apropriação da teoria constitui-se em elemento desencadeador da ampliação da capacidade de renovação e reconstrução de uma nova pratica adequada a sua nova realidade.

> Há professores que buscam na pedagogia de projetos meios para solucionar problemas práticos, tais como: alunos que avançam na escolaridade sem saber ler e escrever. Questões de disciplinas, questões de aprendizado insuficiente da leitura e da escrita. Como, em sala de aula, esses problemas são apontados. (MICOTTI, 2009, p. 274).

Nesse sentido, Cunha (2012) realiza uma reflexão acerca do trabalho de formação docente ao considerar que para o professor poder ressignificar sua prática docente é necessário que ele tenha indicativos/elementos que lhe possibilitem analisar as circunstâncias internas e externas que configuram e/ou permeiam o seu fazer pedagógico. O fazer pedagógico‖ das normalistas pode ser verificado na sua formação.

> A formação de Professores, que para a autora é algo que não se encontra insular a esse processo, pois o professor, a partir das lentes oficiais, é um profissional que cumpre um importante papel na sociedade que é o de levar à frente o projeto educativo refletido pelas ideologias macros sociais engendradas nos planos e projetos coletivos hegemônicos. Contudo, há que se considerar que no plano das ações, os docentes coadunam também o outro lado do poder, distinguidos pela autonomia do seu acréscimo profissional. (CUNHA, 2012, P. 15).

Neste aspecto, Rios (2015, p.17) diz que no processo de formação, o professor tem de possuir certos saberes, porém precisa compreendê-los para poder intervir. Nesse sentido, o trabalho com as classes multisseriadas requer uma política de formação mais coerente com a realidade em que essa organização escolar foi alicerçada ao longo dos anos. Coerente, sobretudo, com a realidade em que os sujeitos estão inseridos e com o papel que a multisseriação ocupou na história da educação no meio rural.

Todavia, o aluno não saber a ler e escrever dificulta o aprendizado, como também a participação nas aulas, pois não conseguirão realizar as atividades propostas pelo professor, ficarão distraídos causando problemas, sendo necessário um maior acompanhamento. É uma situação difícil, pois o professor mediador em seu papel docente terá que ajudá-los, incentivando-os, pois se sentirão incapazes desistindo de aprender, por mais que tenha capacidade para isso.

Assim, sendo a maioria desses alunos são oriundos de escolas rurais (isoladas) as quais possui uma alfabetização de pratica tradicional, apresentarão dificuldades na leitura, na

elaboração de suas ideias e estruturação dos textos. Não reconhecem os diversos gêneros textuais, por mais que conheçam as letras do alfabeto não compreendem os textos quando lidos oralmente.

> A escrita da narrativa abre espaços e oportuniza, às professoras e professores em processo de formação, falar-ouvir e ler-escrever sobre suas experiências formadoras, descortinar possibilidades sobre a formação através do vivido. A construção da narração inscreve-se na subjetividade e estrutura-se num tempo, que não é linear, mas num tempo da consciência de si, das representações que o sujeito constrói de si mesmo. (SOUZA, 2006, p. 66).

O autor nos conduz a uma reflexão sobre a importância da pesquisa com história de vida de professores, os relatos em grupos ou individualizados, a história oral gera espaço para eles expor suas vivencias e relembrar suas experiências docentes. Essas narrações que lhes dá a valorização através das fontes orais. Percebendo-se uma tomada de consciência que nos leva a reconhecer os saberes construídos pelos professores, no seu fazer pedagógico diário, o que não acontecia anteriormente nos modelos de formação de professores novos conceitos para a compreensão do trabalho docente surgiram com os estudos educacionais, cujas abordagens de pesquisa passaram a reconhecer o professor como sujeito.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Para desenvolver uma discussão acerca do (a) RELATO DE EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES/LEITORES NA MICRORREGIÃO DE JACOBINA: PRÁTICAS DOCENTES E FORMAÇÃO e para que o trabalho apresente um resultado significativo é fundamental definir procedimentos metodológicos coerentes com os objetivos da investigação proposta. Segundo MOLINA (1992, p. 17): “O aprendizado da leitura começa com uma palavra e um tipo de texto de cada vez, continua com uma palavra e um tipo de texto de cada vez, e o aprendizado jamais cessa”.

4.1 Caminhos Investigados Percorridos

Tendo como método de pesquisa, a história oral no contexto de investigação cientifica, e suas articulações no projeto de pesquisa. Justificamos o desenvolvimento da pesquisa através de questões, perguntas, questionários e indagações sobre o tema proposto. Assim, antes mesmo de se pensar em história oral, é preciso pensar como será trabalhado tais historias oral, pois a história oral só começa quando determinado como o objeto de estudo

será desenvolvido. Para escolher o método, então, é sucinto entender que a escolha pela história oral estar sujeito ao tipo de questão colocada ao objeto de estudo.

Em se tratando da escolha dos participantes, ALBERTI (2000) salienta que, no projeto de pesquisa convém listar os prováveis entrevistados sobre os quais se pretende investir ao longo do trabalho, justificando, em cada caso, a escolha. Isso pode ser feito acrescentando-se ao nome do possível entrevistado um resumo de sua participação no tema. Tal listagem deve ser tomada como urna relação dos entrevistados *em potencial* daquela pesquisa, já que está sujeita a circunstancias que podem modificar os rumos do trabalho.

> A escolha dos entrevistados é, em primeiro lugar, guiada pelos objetivos da pesquisa. Assim, retornando o exemplo da pesquisa sobre a história de urna empresa, se seu objetivo principal for o estudo das relações trabalhistas estabelecidas em determinado período, será necessário escolher os possíveis entrevistados entre as pessoas que efetivamente podem contribuir nesse sentido [...] a escolha dos entrevistados poderá recair sobre os dirigentes da empresa e altos funcionários do governo, por exemplo. Por fim, se os objetivos da pesquisa forem de âmbito mais abrangente, envolvendo todos os aspectos vinculados a história da empresa, o universo de entrevistados em potencial se alargará consideravelmente, desde empregados e diretores, passando por funcionários do governo e representantes sindicais, eventualmente por membros de outras empresas, até usuários de seus serviços e consumidores de seus produtos, por exemplo. (ALBERTI, 2000, P.31)

Observamos que a autora a ponta uma cogitação sobre a escolha dos participantes da pesquisa que não precisa ser precisamente norteada por critérios quantitativos, apenas por apreensão com amostragens, mas a partir da disposição do entrevistado, e da significação de suas vivências.

Nesse caso, ALBERTI (2000P. 65) aponta ainda que, decidir entre um ou outro tipo de entrevista a ser adotado ao longo da pesquisa depende dos objetivos do trabalho. Em geral, a escolha de entrevistas temáticas é adequada para o caso de temas que tem estatuto relativamente definido na trajetória de vida dos depoentes, como, por exemplo, um período determinado cronologicamente, urna função desempenhada ou o envolvimento e a experiência em acontecimentos ou conjunturas específicas.

> As considerações sobre a escolha dos entrevistados em urna pesquisa de história Oral levam naturalmente a questão de quantas pessoas entrevistarem ao longo do trabalho. Novamente tal decisão depende diretamente dos objetivos da pesquisa. Se ela estiver sendo desenvolvida fora do âmbito de um programa de história oral,o número de entrevistados pode até se restringir a uma única pessoa, se seu depoimento estiver sendo tomado como contraponto e complemento de outras fontes e for suficientemente significativo para figurar como investimento de história oral isolado no conjunto da pesquisa. (ALBERTI, 2000, P.35).

Esses critérios precisam levar em conta também quantos entrevistados são necessários para que se possam começar as articulações da pesquisa, os depoimentos, as inferências expressivas para os fins da pesquisa. Ou seja, urna única entrevista pode ser muito relevante, mas ela terá um maior significado se sua análise for comparada com outras fontes igualmente complacentes. No que tange a metodologia de história oral, essas outras fontes são também entrevistas orais com o mesmo nível de informação que os dela. Assim, o número de participantes de uma pesquisa de história oral necessita ser o suficiente significativo para viabilizar adequado alcance de generalização das implicações do trabalho.

> A força da história oral, todos sabem, é dar voz àqueles que normalmente não a têm: os esquecidos, os excluídos ou, retomando a bela expressão de um pioneiro da história oral, que ela continue a fazê-lo amplamente, mostrando que cada indivíduo é ator da história. (REVELLI, 2003, *apud* ALBERTI, 2000, p. 58).

No contexto da história oral nos últimos anos vale lembrar que esses momentos em que os sujeitos encontram espaço para relembrar sobre suas vivencias, a prática e entendimento históricos da vida e das necessidades dos homens, nos mostra que as entrevistas fornecem mais que apenas outro conjunto de documentos, é uma maneira de promovera conscientização, histórica e social, mostrando que o método de entrevista variar em culturas e circunstâncias diversas, os historiadores orais podem aprender com questões e debates comuns, como também relatar o que já sabem e revela a extraordinária capacidade que tem a história oral de interagir com outras iniciativas e disciplinas, da antropologia, na área da saúde, etc. Como historiador oral, é preciso lembrar nosso passado recente e adequar as lições aprendidas sobre memória e história e sobre a dimensão humana de nossa agilidade.

4.2 Tipo de Estudo

O presente estudo apresenta uma abordagem qualitativa, com enfoque na História Oral nas temáticas Histórias de Vida, tendo como fundante os estudos da História da Educação utilizando como instrumentos de coleta/análise dos dados, entrevistas abertas e/ou aprofundadas/depoimentos, práticas leitoras, como círculo de leitura e contação de história, enfim as práticas construídas no exercício de sua formação. Concluímos então que todas as formas de se lecionar foram validadas e garantidas na formação inicial na Escola de magistério.

De acordo com GOLDENBERG, (1997, p. 34): este tipo de estudo, a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o

aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa. (Apud: Métodos de pesquisa / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveir, 2009.)

Desse modo, a pesquisa qualitativa surgiu na antropologia de maneira mais ou menos naturalística, e na sua tradição antropológica ficou conhecida como investigação etnográfica. Alguns a definem como sendo “o estudo da cultura.

> “A pesquisa qualitativa é conhecida também como “estudo de campo estudo qualitativo”, “interacionismo simbólico”, “perspectiva interna”, “interpretativa”, etnometodologia”, "ecológica", "descritiva", "observação participante", "entrevista qualitativa", "abordagem de estudo de caso", "pesquisa participante", "pesquisa fenomenológica", "pesquisa-ação", "pesquisa naturalista", "entrevista em profundidade", "pesquisa qualitativa e fenomenológica", e outras [...]. Sob esses nomes, em geral, não obstante, devemos estar alertas em relação, pelo menos, a dois aspectos. Alguns desses enfoques rejeitam total ou parcialmente o ponto de vista quantitativo na pesquisa educacional; e outros denunciam, claramente, os suportes teóricos sobre os quais elaboraram seus postulados interpretativos da realidade (TRIVIÑOS, 1987, p. 124 apud LARA, 1992, p. 23).

Além disso, MINAYO (2001) Salienta que essa abordagem pesquisa qualitativa é um método de pesquisa que trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis quantificações nas modalidades de coleta de informações e no seu tratamento, mediante técnicas estatísticas, tais como percentuais, média, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão, entre outros.

4.3 Métodos de pesquisa e técnica de coleta de dados

Neste estudo, foi utilizado como instrumento de coleta de dados, entrevistas e questionários/depoimentos, contendo questões e salientando dúvidas sobre as práticas de leitura, como a mesma era apresentada e o contexto atual, a importância da leitura na vida do aluno/leitor enquanto cidadão social.

Assim, segundo FONSECA (2002, p. 20). A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador. A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.

Dessa maneira A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação.

Este instrumento de pesquisa Segundo (MINAYO, 2001, p. 14), a pesquisa qualitativa é caracterizada pelo: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências.

4.4 Lócus da pesquisa

A pesquisa tem como lócus as Escolas Rurais das cidades de Várzea Nova e Ourolândia, que na época pertenciam à cidade de Jacobina – BA. Tendo como recorte temporal 1970 - 1990.

4.5 Sujeitos da pesquisa

No intuito de analisar as histórias de leitura, direcionamos nosso olhar para de professoras da microrregião de Jacobina levando-se em consideração as questões norteadoras e as implicações dos sujeitos envolvidos. Tal alteridade nos provoca as seguintes questões: como essas leituras eram apresentadas aos alunos? Qual a contribuição dessas professoras para a formação de leitores?

INFORMAÇOES DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Professor (a)	**Nascimento/Idade:**	**Formação:**	**Tempo de docência/período**	**Serviço/rede:**
1) A	61 anos	Licenciatura/letras (PAFOR/UNEB)	27 anos	Escola Municipal Nova Esperança/ Escola Municipal José Simplício Cerqueira
2)B	49 anos	Licenciatura/letras (UNEB)	27 anos	Escola Publica
3) C	49 anos	Magistério	24 anos	Escola Municipal Valdir Alves do Nascimento
4) D				
5) E	41 anos	Licenciatura (FTC-Faculdade de Tecnologia e Ciências)	20 anos	Escola Municipal Valdir Alves do Nascimento
6)F	64 Anos	Licenciatura/letras (UNEB)	25 anos	Escola Municipal Valdir Alves do Nascimento
7)G	42 anos	Licenciatura (FTC-Faculdade de Tecnologia e Ciências)	20 anos	
8)H	50 anos	Licenciatura/letras (PAFOR/UNEB)	20 anos	Escola Municipal José Simplício Cerqueira

4.6 Procedimentos de análise de dados

Após a visita a campo foram realizadas as análises dos dados da pesquisa, sobre isso Lakatos e Marconi (2010, p. 151), diz que “na análise, o pesquisador entra em maiores detalhes sobre os dados decorrentes do trabalho estatístico, a fim de conseguir respostas às suas indagações, e procura estabelecer as relações necessárias entre os dados obtidos e as hipóteses formuladas”.

A abordagem metodológica utilizada baseou-se na pesquisa qualitativa, através de um estudo de caso onde os dados foram coletados por meio de questionários/depoimentos e pesquisas e teve como sujeitos da pesquisa, professoras da microrregião de Jacobina levando-se em consideração as questões norteadoras e as implicações dos sujeitos envolvidos.

Diante deste estudo e a partir da análise realizada no questionário no que diz respeito à atuação na formação de leitores verificamos que, na maioria dos professores envolvido na pesquisa, mediante os relatos que abordam diretamente os fatos da trajetória de formação e profissão de cada professor, o saber docente vai sendo construído ao longo dessa trajetória. A

identidade docente é expressa através da fala de cada um, o professor aparece como um ser construtivo, eclético que reúnem múltiplos papéis.

A identidade docente é tida para os sujeitos da pesquisa como algo grandioso, e enfatizam a importância da leitura para a sua vida enquanto docente e ser social. Em diversos momentos traz reflexões sobre a forma que essa leitura era/é apresentada aos seus alunos. Frisa que em outras épocas, essas leituras eram apresentadas de forma abstratas, levando o aluno apenas a decodificação dos textos lidos.

No conjunto de falas dos professores (a) considera as experiências como aprendizagens efetuadas ao longo de sua trajetória, ganhos que vai considerando como acumulados. Afirmam ainda que, o incentivo à leitura deve partir do professor em sala de aula, dos pais e da sociedade, pois assim os alunos desejarão procurar leituras diferenciadas. Desse modo, o texto quando lido com intenção de compreendê-lo tem o poder de transformar o leitor passivo em um leitor crítico e agente capaz de transformar e formar opiniões.

Os exemplos abaixo das falas dos sujeitos participantes da pesquisa ilustram melhor essa questão:

> ***Professor F-*** "Trabalhava a leitura com textos mimeografados e livros, cartilha. Fazia recortes dos textos e pedia aos alunos para fazerem a reestruturação".

Diante do depoimento, percebemos que a pratica de leitura da professora estava atrelada ao modelo de leitura da escola na qual estudou repetindo a postura tradicional e no movimento de que "se ensina " o que se aprendeu com autonomia. Portanto, vem considerar inicialmente a ideia de texto fragmentado como colcha de retalho; não priorizava a construção do pensamento, ficando o aluno como mero repetidor de frases descontextualizadas.

> ***Professor A -*** Trabalhava a leitura de início era o ABC e depois a cartilha, que era com o alfabeto e imagens para que os alunos fizessem uma relação do nome com a figura para uma melhor compreensão.

Perante o depoimento, percebemos que a pratica de leitura do professor estava ligada ao modelo de leitura das escolas tradicionais da época com base na falsa ideia de leitura decodificada onde a soletração de silaba era prioridade.

> ***Professor E -*** Trabalhava a leitura com textos xerocopiados, alfabeto com cartilha, utilizava também a leitura de histórias (poemas) suas rimas e versos. Advinhas, trava-língua e fábulas.

Na fala da depoente percebemos algumas marcas de uma tentativa de trabalho com a oralidade e o seu método de trabalho era através da poesia e música, praticam advindas de sua escola de formação com marcas iniciais de leitura compartilhada onde a silenciosa fazia parte de sua estratégia pedagógica.

Professor B - Trabalhava a leitura com textos xerocopiados, e com a cartilha, foi o material mais utilizado na época para o desenvolvimento do processo de alfabetização.

Diante do exposto, percebe-se que os métodos de alfabetização declaravam que o aluno, para poder ler textos reais, primeiro tinha que passar pelo processo de decodificação das palavras/ letras e sons.

Professor C - Práticas de leitura: Trabalhava com textos mimeografados e livros, cartilha. Trabalhava com textos recortados e pedia para alunos fazerem a reestruturação.

Assim, diante do depoimento, percebemos que a pratica de leitura da professora estava vinculada ao modelo de leitura das escolas da época. A ideia de texto fragmentado para que os alunos fizessem a reconstrução, como decodificação.

Professor H - Práticas de leitura: Trabalhava a leitura com textos fragmentos, descontextualizados e com a cartilha.

Desse modo, percebemos que os métodos de alfabetização da professora declaravam a ideia de texto fragmentado para os alunos fazerem reconstrução, como decodificação.

Professor G - Práticas de leitura: Trabalhava a leitura com a cartilha, com textos diversificados.

Assim, de acordo com os métodos do professor, percebemos a tentativa de trabalho com intertextualidade e interpretação de textos, para que o aluno compreenda o que foi lido.

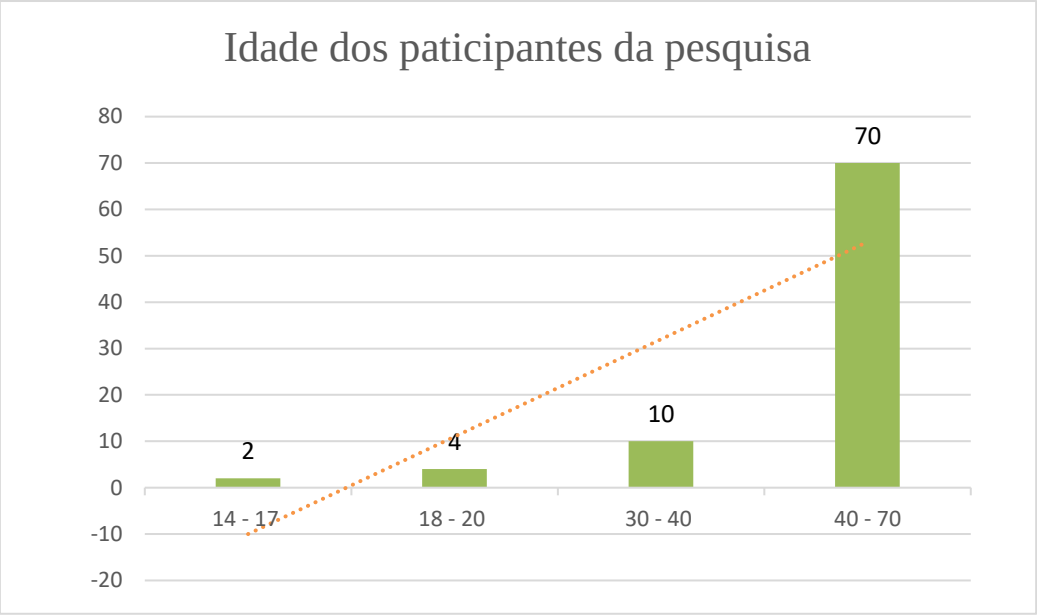
Professor D - Práticas de leitura: Trabalhava a leitura com a cartilha e materiais xerocopiados e pedia aos alunos para reproduzir o que entenderam.

De tal modo, percebemos que a professora usava o conceito de leitura como reconstrução e mera decodificação sem se preocupar com os elementos extralinguísticos.

4.7 Análise de dados

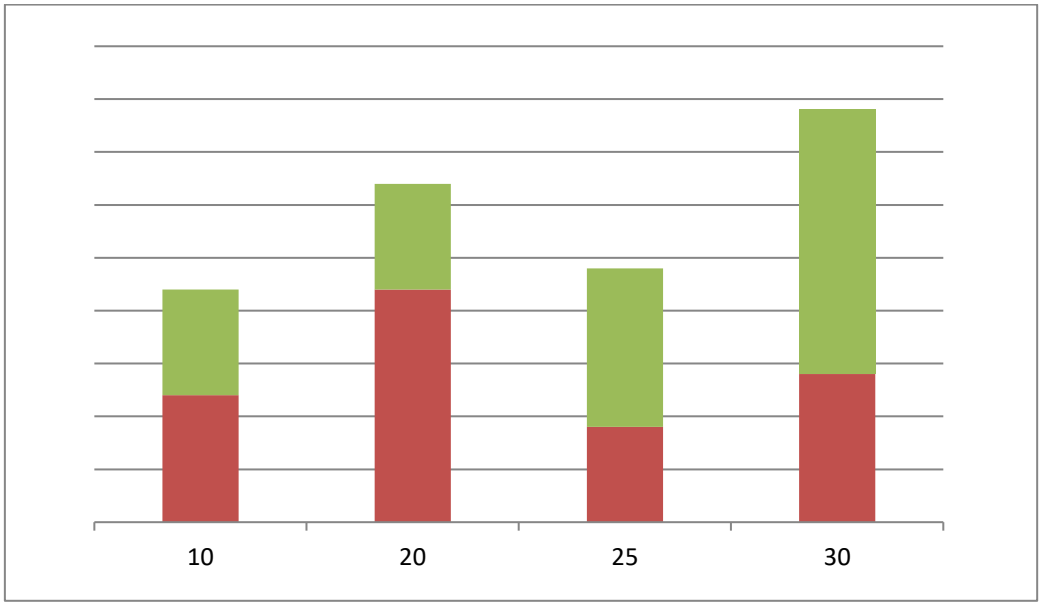
Segue abaixo os dados da pesquisa em gráficos e quadros:

GRÁFICO I: IDADE DAS/OS PARTICIPANTES DA PESQUISA



Conforme o gráfico da pesquisa, a maior parte dos profissionais envolvidos possui entre 40 e 70 anos.

GRÁFICO II: TEMPO DE OCNTRIBUICÇAO/DOCENCIADAS/OS PARTICIPANTES DA PESQUISA



Conforme o gráfico da pesquisa, a maior parte dos profissionais envolvidos possui entre 20 e 30 anos de tempo de docência.

GRAFICO/TABELA III, 1- COMO A LEITURA ERA APRESENTADA AOS ALUNOS?

1) Professor F	Práticas de leitura: Trabalhava a leitura com textos mimeografados e livros, cartilha. Fazia recortes dos textos e pedia aos alunos para fazerem a reestruturação;	**PARECER PEDAGOGICO;** Professor 1- Texto fragmentado/reconstrução
2) Professor A	Práticas de leitura: Trabalhav leitura de início era o ABC e de a cartilha, que era com o alfabe imagens para que os alunos fize uma relação do nome com a fi para uma melhor compreensão.	Professor 2- soletração de silaba.
3) Professor B	Práticas de leitura: Trabalhava a leitura com textos xerocopiados, e com a cartilha, foi o material mais utilizado na época para o desenvolvimento do processo de alfabetização.	Professor 3- processo de decodificação palavras, letras e sons.
4)Professor E	Práticas de leitura: Trabalhava a leitura com textos xerocopiados, alfabeto com cartilha, utilizava também a leitura de histórias (poemas) suas rimas e versos. Advinhas, trava-língua e fabulas.	Professor 4- Tentativa de trabalho com a oralidade e o seu método de trabalho era através da poesia e música, cantigas de roda.

5) Professor C	Práticas de leitura: Trabalhava com textos mimeografados e livros, cartilha. Trabalhava com textos recortados e pedia para alunos fazerem a reestruturação.	Professor 5 – A ideia de texto Fragmentado para que os alunos fizessem a reconstrução, como decodificação.
6) Professor H	Práticas de leitura: Trabalhava a leitura com Textos Fragmentos, descontextualizados e com a cartilha	Professor 6- Ideia de texto fragmentado para os alunos fazerem reconstrução, como decodificação.
7) Professor G	Práticas de leitura: Trabalhav leitura com a cartilha, com textos diversificados.	Professor 7–Tentativa de trabalho com intertextualidade e interpretação de textos, para que o aluno compreenda o que foi lido.
8) Professor D	Práticas de leitura: Trabalhava a leitura com cartilha e materiais xerocopiad pedia aos alunos para reproduz que entenderam.	Professor 8 – A ideia de leitura como reconstrução, e mera decodificação

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou analisar as histórias de leitura, direcionamos nosso olhar para de professoras leigos da microrregião de Jacobina levando-se em consideração as questões norteadoras as implicações dos sujeitos envolvidos

Durante a sua vida escolar, ou até mesmo fora dela, você já deve ter vivenciado momentos especiais com a leitura, seja de algum livro de literatura, ou uma simples história.

No ato de ler, vivenciamos emoções muito particulares, pois um bom livro pode ser lido por mais de uma pessoa, ao qual dará opiniões diferentes no final da história. Está é a magia da leitura, construir suas experiências de leitura, uma história pessoal com os autores, com o livro lido, vivenciando os sentimentos e aventuras de cada texto.

Todavia, o professor tem um papel importante como professor/mediador, devendo elevar o conhecimento de leitura dos alunos. Para isso os docentes têm como opção trabalhar distintos tipos de textos e não somente os dos livros didáticos. Observa-se que deve, também, constituir objetivos, projetar, apresentar diferentes temas construindo em sala de aula confiança e interesse para a discussão entre os alunos. E por fim, desse modo ampliar a leitura crítica.

Constatamos assim, por meio da pesquisa, sobre os seus discursos e sua formação, pudemos ver alguns exemplos de aderência discursiva que não se reverte na pratica. O trabalho com textos tendo como suporte o jornal roda de leitura, uso de tecnologias, é tido hoje como um signo de inovação. É preciso mais para que o seu trabalho seja realmente a incorporação de uma nova forma de lidar com a escrita, linguística textual e estudo de letramento.

Ao passo que tal desenvoltura dos formadores se desvendará na forma de lidar com situações, discursos defasados, o que provoca também observar que os saberes docentes (presentes no discurso dos professores) serão necessariamente distintos do conhecimento universitário e que as narrações desses professores, ao serem solicitados a verbalizar o que faziam, ou fazem, constituem-se de discursos que inclui sabedoria e fazerem heterogêneos.

Nessa circunstancias os novos modos de refletir a formação docente, em que se adote um modelo no qual a posição do professor seja de quem enuncia um discurso sem repetição, deve implicar necessariamente, a definição de formatos específicos para as intervenções a serem feitas no contexto escolar, com atividades que permitam que a leitura do professor, feita em suas vivencias, seja esclarecida para ele mesmo, ou seja que permita que ele se torna

mais apto, a efetivar e incorporar tais conhecimentos sobre leitura, efetuando, assim, um bom trabalho na sala de aula com seus alunos.

Enfim, espera se que todo o trabalho volta à leitura na escola seja realizado na perspectiva de se tornar um leitor ativo que saiba ser sujeito de seu discurso tornando-os um leitor crítico e formador de novos conceitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Nossa Língua. **Reduções**. Disponível em: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/reducoes>. Acesso em: 21 nov. 2017.

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2004.

ALBERTI, Verena. **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.

ANDRADE, Ludmila Thomé de. **Professores leitores e sua formação**: Transformações discursivas de conhecimento e de saberes. 1 ed. Belo Horizonte. Autentica, 2007.

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico**, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 20 nov. 2016.

_____. Lei Federal 8.069/90, de 13 de julho 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 13 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 26 nov. 2017.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa**.** Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. Ed. Brasília: Secretaria, 2001.

_____. Programa de Gestão de Aprendizagem Escolar (PDE). **Gestar II:** Língua portuguesa, Ministério da Educação; Brasília. 2008.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2014.

CUNHA, Rúbia Mara de Sousa Lapa**. Histórias de vida de professoras normalistas na microrregião de Jacobina**: memórias, narrativas de formação e identidade docente (1940-1950). Salvador, 2012.

FARIAS, Mônica. **A formação de leitores na escola pública:** discursos, práticas e percursos de leitura. Teresina: EDUFPI, 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: três artigos que se completam. 49 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa**.** 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GERHARDT, Tatiana Engel & SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

JÚNIA, Leila Leal Raquel. Escolas rurais no Brasil: um retrato. Demandas e projetos para escolas de zonas rurais são discutidos por movimentos sociais, trabalhadores, estudantes, pesquisadores e poder público. **Poli**. set./out. 2010.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor:** aspectos cognitivos da leitura. 8° ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

KRAMER, Sonia. **Alfabetização, leitura e escrita**: formação de professores em curso. – São Paulo. Ática, 2010.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

LARA, A. M. B. Fases para elaboração do projeto de pesquisa. **Revista Apontamentos, n. 7**, Maringá: EDUEM, 1992.

LINARDI, Fred. O X da questão. **Leitura.** N. 18, 2008, p. 7-9.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira. **Leitura e escrita**: Como aprender com êxito por meio da pedagogia; (org.) JOLIBERT, Josette. –São Paulo, Contexto, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOLINA, Olga. **Ler para aprender**: desenvolvimento de habilidades de estudo. São Paulo: E.P.U. 1992.

PEREIRA, Bresser Luiz Carlos. **Lucro, Acumulação e Crise**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. De lavradora a professora primária na roça: narrativas, docência e profissionalização. **Revista Brasileira de Educação**. v. 21 n. 65 abr.-jun. 2016.

_____. **Ser e não ser da roça, eis a questão!** Identidades e discursos na escola. Salvador: EDUFBA, 2011.

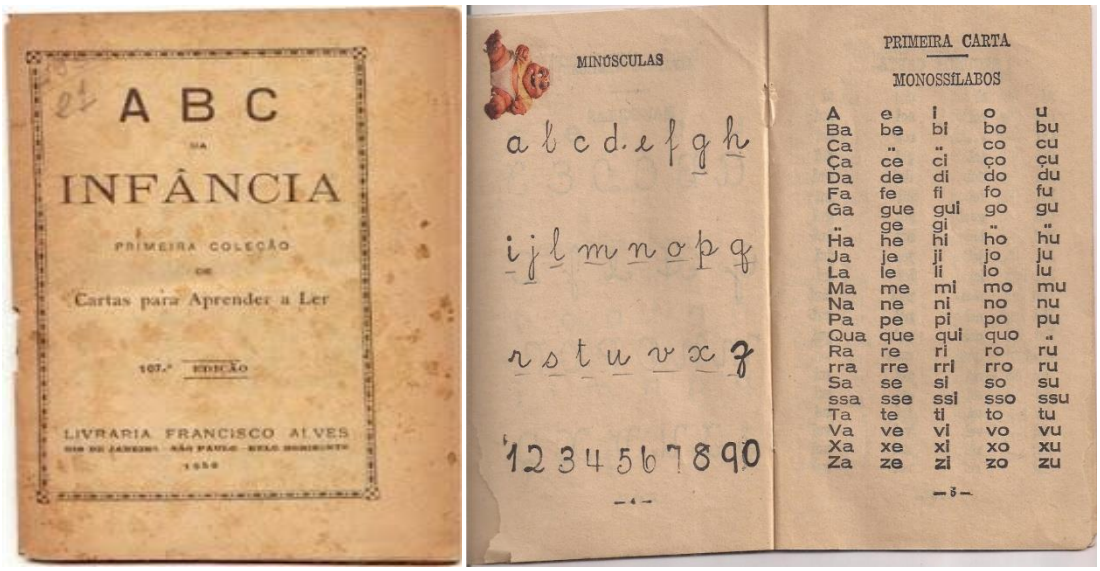
SÁ, Robison. **A Desinformatização das Escolas Rurais**. Info Escola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/pedagogia/a-desinformatizacao-das-escolas-rurais/>. Acesso em: 20 nov. 2016.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SOUZA, Elizeu Clementino (Org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação***:* pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB,
2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Biblioteca Universitária. **Guia de normalização de trabalhos acadêmicos da Universidade Federal do Ceará**. Fortaleza, 2013.

ANEXOS



Arquivo do blog. Disponível em: <http://abcdaeducacaoinfantil.blogspot.com.br/2015/04/cartilha-pirulito-alfabetizacao-em-pdf.html>. Acesso: 26 nov. de 2017.

Texto: 1
Aluno: Pedro
1º Ano Ensino Médio

Colégio Estadual Paraná

A importância da leitura

A leitura é um dos meios mais fáceis para alimentar o desenvolvimento escolar e também para aumentar o vocabulário, além de propiciar esses vários benefícios, a leitura permite ao homem se comunicar, aprender novos idiomas, etc.
Além disso, a leitura não é só importante na escola, sem uma boa leitura muitos podem perder empregos, sem mesmo terem começado. Uma boa leitura é essencial para quem quer ter uma boa vida. Tente imaginar, como seria se não soubéssemos ler, seria difícil, não é? A leitura sem dúvida na escola, além de aumentar o desenvolvimento escolar, nos possibilita conhecer vários lugares sem se quer sair de lá. Resumindo, em poucas palavras a leitura é um universo de conhecimento que os seres humanos têm prazerem ter.

Texto: 2
Aluna: Patrícia
1º Ano Ensino Médio
Colégio Estadual Presidente Afonso Camargo

Ler nos faz crescer

A leitura é um bom caminho para um mundo perfeito, As escolas deveriam ter um projeto de leitura onde os alunos iriam ler livros, revistas e jornais. Com isso as notas seriam melhores,

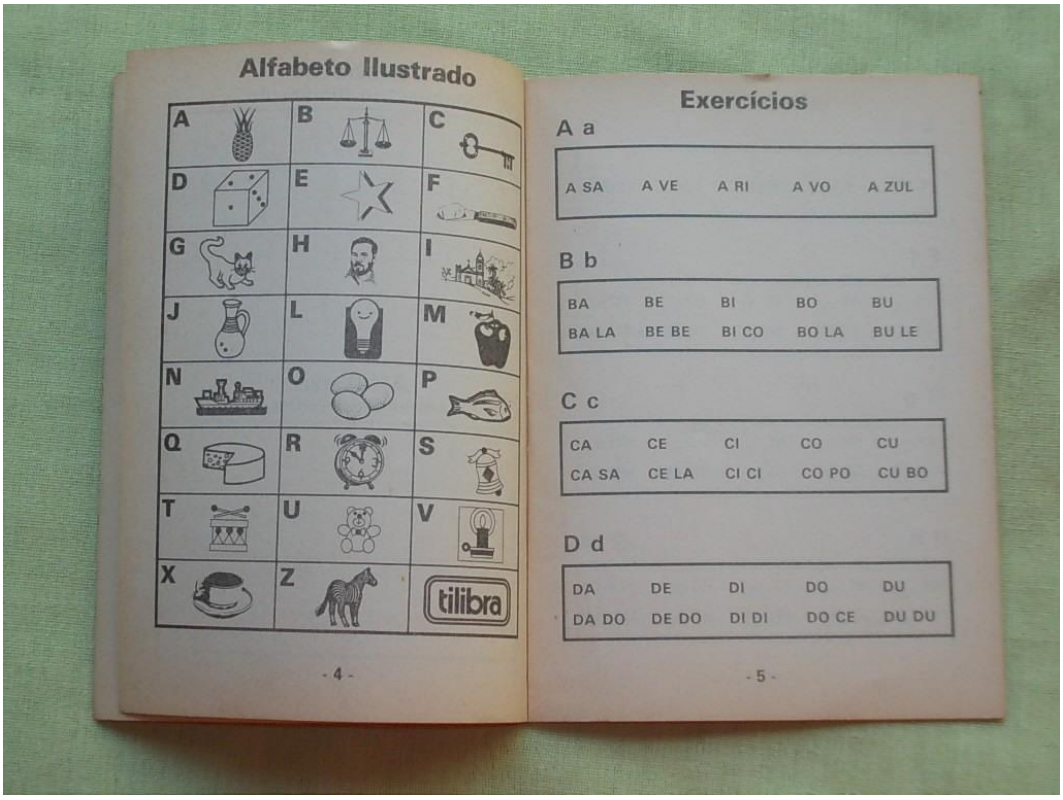
porque lendo os alunos iriam adquirir um bom conhecimento para seu dia a dia. O aluno que lê tem uma visão mais ampla, tem uma boa escrita e adquire um ótimo vocabulário. Com a leitura as escolas teriam um desenvolvimento melhor, os alunos teriam boas notas e nós teríamos um mundo melhor. A leitura é fundamental não só para os estudantes, mas para todos que querem adquirir uma visão diferente do mundo, porque a leitura é a fonte de sabedoria e conhecimento.

Texto: 3
Aluna: Bruna
1º Ano Ensino Médio
Colégio Estadual Guilherme de Almeida

A importância da leitura

Nos dias de hoje, ter um bom conhecimento sobre linguagem é muito importante, pois este define o nível intelectual de uma pessoa seja ele um profissional ou um jovem estudante. E esse conhecimento se adquire em grande parte com a leitura. A importância que a escrita vem exercendo pode ser notada ao ser analisar processos seletivos como concursos públicos, onde o conhecimento sobre a língua portuguesa tem maior peso comparado às outras disciplinas. Ao ler uma notícia em um jornal ou revista nota-se com clareza o quanto a norma culta predomina o espaço que se permite colocar entre aspas ou parênteses, para gírias ou chavões é tão pequena, quase imperceptível, pois esses não devem ser usados. Portanto, existe uma grande dificuldade de motivar a leitura, pois os professores não encontram uma forma concreta de oferecer prazer e condições para tornar-se um leitor eficiente. Foram apresentados apenas alguns dos motivos pelo qual a leitura e a busca pelo conhecimento devem-se tornar propriedades na vida das pessoas. Inclusive para os estudantes, sua importância e fato, pois seu conteúdo será cobrado.

Arquivo do blog. Disponível em: <http://abcdaeducacaoinfantil.blogspot.com.br/2015/04/cartilha-pirulito-alfabetizacao-em-pdf.html>. Acesso em: 26 nov. 2017.



Arquivos do blog. Disponível em: <http://abcdaeducacaoinfantil.blogspot.com.br/2015/04/cartilha-pirulito-alfabetizacao-em-pdf.html>. Acesso em: 26 nov. 2017.